

REVISTA **BZZZ**

ANO 3 | Nº 32 | FEVEREIRO DE 2016 | R\$ 12,00



MÃO BRANCA

Lendário assassino de bandidos volta a ser lembrado pela população

MÁRIO DE ANDRADE

Embolador de coco do RN impressionou o artista modernista

PROVOCADOR DE SENSACIONES

OS TRAÇOS DA VIDA E A OBRA DO ARTISTA PLÁSTICO E DIRETOR DE CINEMA SÉRGIO AZEVEDO OLIVEIRA, O AZOL, POTIGUAR QUE MANTÉM ATELIÊ EM SP E JÁ EXPÔS EM GALERIAS DE NOVA YORK E PARIS. FIEL ÀS ORIGENS, O CANGACEIRO LAMPIÃO É O GUIA INSPIRADOR DA SUA PRIMEIRA MOSTRA INDIVIDUAL, LANÇADA EM NATAL

SEGUNDA GUERRA

Quem foi o único soldado americano que teve os restos mortais abandonados em solo potiguar

MEMÓRIA CURTA

Sem preservação, prédios antigos são tomados pelo comércio em Mossoró

SENHORA

Zulmar Santos e a vida de glamour e caridade





*Bem-vindo! O melhor lugar para se viver.
Sua casa de praia com conforto, lazer, segurança e renda.*



*Pousada dos
Amores*

Charme e Requinte à Beira Mar



Registro de Incorporação Nº r-1/6.195
Matrícula: 6195
Datado: 09/03/15
Registro Notorial de Touros/RN

*Faça já
sua reserva!*

84 3693.2027

Rua Principal, 5- Praia de São José
Paraíso do Gostoso - Touros/RN - CEP: 59.584-000
reservas@pousadaspadosamores.com.br



www.pousadaspadosamores.com.br

ENVOLVER

A arte de contar boas histórias tem sido uma missão abraçada pela RevistaBzzz. Temos o objetivo mensal de reunir diversos temas, sobretudo personagens e lugares que fazem parte da memória cultural do Rio Grande do Norte, e contá-los de maneira envolvente. Assim, fazer o leitor sentir cada palavra escrita, reviver, se inspirar. O veículo se doa ao público e recebe, como retorno, envolvimento em formato de elogios, críticas e pedidos de matérias. A relação é uma grande responsabilidade, assim como o desafio de surpreender e inovar constantemente, do texto às fotos resgatadas de muitos baús.

Surpresa agradável, pelo formato, será a leitura da matéria de capa sobre o fascinante potiguar Azol. O conceituado jornalista Paulo Araújo nos faz conhecer as memórias e obras do artista, de maneira singularmente sensível, pelos próprios olhos do entrevistado. Já com o trabalho de Thiago Cavalcanti, o leitor irá conhecer mais uma grande dama da sociedade natalense, Zulmar Santos.

Uma história literalmente enterrada foi resgatada por Marina Gadelha: os mistérios do único soldado americano que serviu em Natal durante a Segunda Guerra Mundial cujos restos mortais permanecem na capital potiguar. Igualmente envolto em mistérios, o famoso “Mão Branca” volta a ser assunto no estado. Também resgatamos a passagem do modernista Mário de Andrade pelo RN e as suas impressões sobre a cultura local. Ainda sobre memória, os prédios antigos de Mossoró – uns são preservados, outros perdem lugar para o comércio.

Teremos também matérias sobre saúde - o alerta gerado pelo zika vírus e os avanços no tratamento do herpes. Nas páginas de gastronomia, um roteiro em Curitiba (PR). A reportagem de turismo traz a mística dos passeios por Tintagel e as lendas do Rei Arthur, além das seções de moda, arquitetura e muito mais.

A todos, uma excelente leitura!

Alice Lima
Editora-assistente

EXPEDIENTE

**PUBLICAÇÃO:****JEL COMUNICAÇÃO****SITE DA REVISTA****ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS****portaldaaabelhinha.com.br****E-MAIL****revistabzzz@portaldaaabelhinha.com.br****EDITORA**

ELIANA LIMA

elianalima@portaldaaabelhinha.com.br

EDITORA-ASSISTENTE

ALICE LIMA

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO

TERCEIRIZE EDITORA

www.terceirize.com

COMERCIAL

EDILÚCIA DANTAS

(84) 9996 5859

COLABORARAM COM ESTA EDIÇÃO

ALICE LIMA, ANDRÉA LUIZA TAVARES,
JULIANA HOLANDA, LOUISE AGUIAR,
OCTAVIO SANTIAGO, PAULO ARAÚJO,
ROBERTO CAMPELLO, THIAGO CAVALCANTI,
VÂNIA MARINHO, WELLINGTON FERNANDES

FOTO DA CAPA

GIOVANNA HACKRADT

FOTOS

JOÃO NETO, PAULO LIMA, SUELI NOMIZO,
GIOVANNA HACKRADT

GRÁFICA

UNIGRÁFICA

TIRAGEM

6.000 EXEMPLARES



A MELHOR REFERÊNCIA *quando você mais precisa.*

Saúde em todos os aspectos. Assim é o hospital com a melhor estrutura hospitalar do Norte-Nordeste, 27 especialidades médicas e o único da rede privada com duas hemodinâmicas. Além de tudo isso, você conta com o Check-up Executivo, que realiza uma bateria de exames em apenas um expediente e faz uma avaliação geral da sua saúde. Se um dia precisar, fique tranquilo: o Hospital do Coração é referência.

- Equipe médica completa
- Transplantes de órgãos
- Check-up Executivo

(84) 4009-2000

hospitaldocoracao.com.br

 **HOSPITAL
DO CORAÇÃO**
Especializado em você.



70

INGLATERRA

Em busca das lendas do Rei Arthur, desbravamos Tintagel, no Reino Unido



ALERTA

30 Zika

Grande temor do momento, zika vírus ganha a atenção de pesquisadores pelo mundo

VEGETARIANISMO

60 Hábito

Um estilo de vida que tem adeptos no mundo inteiro, como o ex-Beatle Paul McCartney



SAÚDE

66 Vírus

Substância presente em alimentos ajuda a combater crises de herpes

DIVERSIDADE

76 Gastronomia

Descubra os sabores de Curitiba e os temperos do mundo



ARQUITETURA

86 Office

Trabalhar com mais estilo, conforto e criatividade. Projetos de salas comerciais bem aproveitadas e belas

A ANTIGA CARTEIRINHA
ESTUDANTIL AGORA VIROU O

DOCUMENTO DO ESTUDANTE



Com base na legislação federal, Lei da Meia-entrada 12.933/2013 e Decreto 8.537/2015, ele é válido em todo o país, tem um padrão nacional, com segurança física e digital.

Faça o seu novo Documento do Estudante pelo site:

www.portaldoeudentenatal.com.br



Em Natal, o convênio entre **UNE** (União Nacional dos Estudantes), **UBES** (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas), **ANPG** (Associação Nacional de Pós-Graduandos) e **SETURN** (Sindicato das Empresas de Transportes Urbanos de Passageiros do Município do Natal) trouxe o Documento do Estudante 2016 integrado ao sistema de transporte coletivo. A meia-entrada e a meia-passageira em único cartão.

Os estudantes cadastrados e atualizados no banco de dados da Secretaria Municipal de Mobilidade Urbana - STTU já podem fazer a sua solicitação.

Somente o **Documento do Estudante/Carteira Nacional de Identificação Estudantil - CIE 2016** será aceito em estabelecimentos culturais e esportivos.

Informações:

www.portaldoeudentenatal.com.br

Fone: (84) 3216.8482 (seg. a sex. das 7h às 16h45)



Secretaria Municipal
de Mobilidade Urbana
(STTU)



SETURN
SINDICATO DAS EMPRESAS DE TRANSPORTES
URBANOS DE PASSAGEIROS DO MUNICÍPIO DO NATAL





ELIANA LIMA

INTERINO: OCTÁVIO SANTIAGO

DUELO

Uma das primeiras disputas deste ano na Câmara dos Deputados acontece dentro do PMDB. O partido diverge quanto ao parlamentar que deve liderar a sua bancada na Casa. O carioca Leonardo Picciani, que ocupou o posto em 2015, tenta permanecer no cargo. O presidente da Câmara Eduardo Cunha, filiado ao partido, tem como candidato o paraibano Hugo Motta, um dos seus fiéis escudeiros no parlamento que preside.



Deputado Leonardo Picciani



Deputado Hugo Motta

IMPARCIAL

Sobre a disputa entre Picciani e Motta, o vice-presidente Michel Temer, também do PMDB, deve ficar alheio. Temer quer ser reeleito presidente nacional do partido e para tanto, vai precisar do apoio de gregos e troianos.

RETARDO

A indecisão sobre a liderança do PMDB na Câmara dos Deputados atrasa a distribuição dos parlamentares nas comissões temáticas. É que o partido tem direito a várias cadeiras nesse órgão do parlamento e cabe ao líder indicar quem sentará em cada uma delas.

ESVAZIAMENTO

O “janelão” para a troca de partidos, que acontece entre fevereiro e março deste ano, vai mudar o desenho de bancadas no Senado Federal e na Câmara dos Deputados. O ainda prematuro PROS deve perder até mesmo o seu líder, o deputado Givaldo Carimbão (AL). O recém-criado PMB (Partido da Mulher Brasileira) também será desfalcado em pelo menos 50% no Congresso Nacional.



CONTRADIÇÃO

Por falar em Partido da Mulher Brasileira, o que a nova sigla menos tem é mulher brasileira. Os homens

representam quase 90% dos seus filiados. No Rio Grande do Norte, o presidente da comissão estadual Raimundo Mendes Alves engrossa a estatística.

MUDANÇA

Porém, entretanto, todavia, o PMB do RN pode ter uma mulher no comando, tornando-se mais, digamos assim, coerente. As ex-governadoras Wilma de Faria e Rosalba Ciarlini estão de olho na sigla, que tem tudo a ver com seus discursos eleitorais.



Contínidê Soares

CONTRADIÇÃO

Na Assembleia Legislativa do Estado, o “janelão” também vai promover seus efeitos. Por iniciativa do ex-deputado Wober Júnior, atual

presidente estadual do PPS, seu partido pode ter a maior bancada da Casa. A articulação de Wober objetiva uma dança de cadeiras capaz de acomodar a sua filha Laura Helena, hoje na suplência.

ALERTA

A possibilidade de formação de uma super bancada na Assembleia Legislativa do Estado fez soar as sirenes da Governadoria. Conhecedor das dinâmicas no parlamento estadual, o governador Robinson Faria (PSD) tenta fortalecer outras bancadas, para contrabalançar o que pode ser uma pedra no sapato da governabilidade.

Foto: amapa.org.br



BATIDO

É do ministro do Turismo Henrique Eduardo Alves (PMDB) que vai sair a indicação do candidato a vice-prefeito na chapa encabeçada pelo primo Carlos Eduardo Alves (PDT), na sucessão municipal de Natal. A filiação da vereadora Júlia Arruda (PSB) ao seu partido, prima da sua esposa Laurita Arruda, para lhe dar o espaço não está descartada.

Foto: blogdoblog.com



SILENCIOSAMENTE

Depois de uma temporada longe do cenário político, a ex-deputada estadual Gesane Marinho (sem partido) volta a circular pelo meio. A parlamentar trabalha nos bastidores a reeleição da sua mãe, Fátima Marinho (PMDB), na Prefeitura de Canguaretama.

CUTÍCULA

Nomeado para a presidência do PSB no Estado, o deputado federal Rafael Motta mostrou que está unha e carne com o presidente nacional do partido, o ex-deputado Carlos Siqueira. Os dois prestigiaram, ao lado de outros socialistas, o desfile da escola de Samba Vila Isabel, no Rio de Janeiro, que prestou homenagem ao líder pernambucano Miguel Arrais, avô do saudoso correligionário Eduardo Campos.



SAFRA

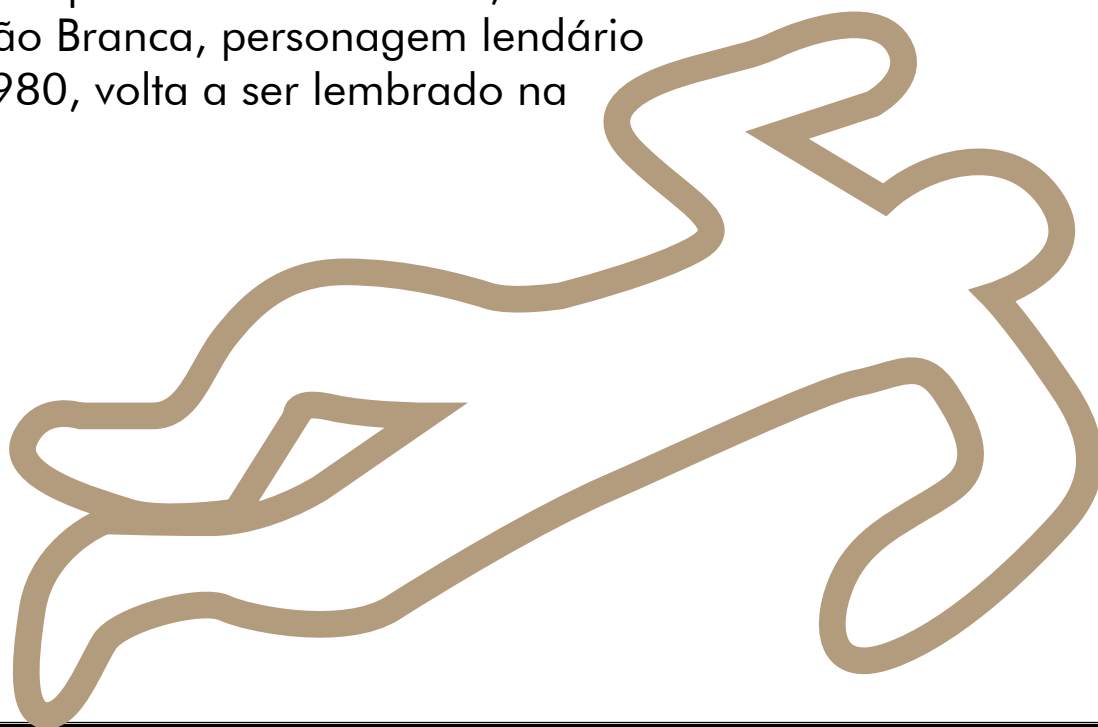
E para quem acha pouco os partidos políticos já existentes no país, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) informa que, no RN e Brasil afora, estão em processo de formação outras 30 siglas. O Partido dos Pensionistas, Aposentados e Idosos do Brasil (PAI do Brasil) e o Partido Ecológico Cristão (PEC) estão entre eles.



Mão Branca

Para uns, ele foi um justiceiro. Para outros, assassino frio. Mão Branca, personagem lendário da década de 1980, volta a ser lembrado na capital potiguar

Por Alice Lima



QUEM NÃO VIVEU EM Natal na década de 1980 pode achar que se trata de uma lenda, porém aconteceu repetidas vezes e de maneira bastante real. Um assassino de bandidos que se intitulava “Mão Branca” passava à imprensa local a lista com os nomes dos bandidos que seriam mortos. As equipes de reportagem então saíam em busca dos cadáveres que, invariavelmente, estavam ali esperando o desfecho com ares de ficção que seria estampado nas páginas dos jornais impressos e em programas policiais de TV.

Uma busca pelo material

divulgado à época leva às cenas do crime. Arquivos de 1981 mostram que, a cada caso de violência e assassinato, parte da população solicitava, ainda que sem a nomenclatura histórica, o “olho por olho e dente por dente” do Príncipe de Talião. Passadas mais de três décadas, a onda de violência que vive o Rio Grande do Norte tem como consequência o mesmo pedido de justiça não oficial que tem atravessado gerações e classes sociais. Uma das diferenças é que as mensagens agora costumam ser expressas por meio das mídias digitais, como Twitter e Facebook.



MÃO de vários ESTADOS

Para natalenses, Mão Branca é um acontecimento local. No entanto, esta é a mesma sensação de fluminenses e paraibanos. De acordo com as pesquisadoras Ana Lucia Enne e Betina Peppe, em entrevista à Revista de História em 2014, após uma onda de violência no Rio de Janeiro, o matador ou o grupo de matadores intitulado de Mão Branca foi na verdade um personagem fictício, criado e reproduzido por parte da imprensa carioca. A ele atribuíam a responsabilidade por uma série de assassinatos sem solução. Por meio de cartas e opinião de leitores, o veículo *A Última Hora* verificou que a figura anônima estava caindo no gosto do povo. A consequência dos holofotes teria sido a adoção real da



Desenho enviado por Mão Branca ao Diário de Natal

ideia por parte de grupos de extermínio que passaram a assinar as mortes cometidas como Mão Branca.

Em São Paulo, em 1982, um

ex-cabo da PM paulista mais conhecido pelo apelido Cabo Bruno também ganhou status de justiceiro, executando mais de 50 pessoas e sendo suspeito de chefiar um importante esquadrão da morte na região. A viúva do ex-PM, Deisy França, chegou a dizer em uma entrevista ao Portal Terra, em 2012, que o cinema norte-americano inspirava o marido, que imitava Charles Bronson (ator do filme *Desejo de Matar* que interpretava um justiceiro urbano).

Condenado a 113 anos na década de 1990, em 2009, ele chegou a escrever uma carta ao então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que dizia: “quantas vezes prendia ladrões, esturpadores, etc, levava-os para o Distrito Policial e era comum depararmos

com eles em liberdade (pois a corrupção era grande nas delegacias). Vendo o sofrimento das vítimas, essa revolta foi tomando vulto em meu íntimo até que em 1982 ela explodiu. Seguindo péssimos exemplos de outros companheiros de farda, inclusive oficiais, comecei a infeliz e trágica caminhada de fazer justiça pelas próprias mãos”, dizia a carta obtida e publicada pelo jornal O Estado de São Paulo. O fim do justiceiro foi igualmente trágico. Após se converter ao protestantismo e ser pastor na prisão, ele pediu perdão, por meio de cartas e telefonemas, a todas as famílias das vítimas que matou. Nem todos perdoaram. Em 2012, ao deixar a prisão, foi executado com 18 tiros.

Em Natal, o personagem adaptado teve as suas próprias características. “O matador chegou

mesmo a enviar aos jornais uma lista com nomes. Num desenho grosseiro, um punho masculino segurava uma balança onde, em cada prato, estavam os nomes. Polvorosa no mundo do crime. Reduziu-se em muito o número de assaltos. Não havia dia em que, pela manhã, os repórteres não encontrassem, em terrenos baldios, corpos de criminosos assassinados”, escreveu o jornalista e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte Emanuel Barreto, que era repórter durante o período lembrado.

Mão Branca divulgou no extinto Diário de Natal sua logomarca e a lista de vítimas no dia 19 de agosto de 1980. Na balança, pesa de um lado órfãos, viúvas e inocentes, e do outro o Mão Branca. Entre 1980 e 1989, o personagem sem definição

exata executou bandidos e cometeu outros delitos, de acordo com a pesquisadora da UFRN Tatiana Moraes, que escreveu em um artigo científico que ele agia “roubando laudos de exame cadavérico do Instituto Médico Legal, e ameaçando qualquer tentativa de denunciá-los”.

De acordo com a pesquisa de Tatiana, o medo instaurado “levava detentos a recusarem a saída em liberdade e era necessária escolta policial para sua retirada das prisões”. A população da cidade ficou dividida quanto ao tema. De um lado, pessoas que apoiavam quem chamavam de justiceiro. De outro lado, uma parcela condenava o assassino. A identidade da pessoa ou do grupo que agia como Mão Branca nunca foi confirmada, embora existam diversas suposições.



Sistema prisional

No início de 2016, o RN registrou a maior fuga de presos da sua história, quando 46 homens fugiram da Cadeia Pública de Natal. Além desse acontecimento, outras realidades do sistema carcerário surpreenderam recentemente pela falta de estrutura. Parte da revolta da população se deve ao fato da alta impunidade para quem comete crimes e, assim, a desconfiança em relação à ação da justiça só cresce

Para Vagnos Kelly de Medeiros, juiz da 1ª Vara Criminal da Comarca de Mossoró, o problema do sistema prisional brasileiro é complexo e envolve diversas falhas. Como existe, seria impossível recuperar algum preso. “Infelizmente o sistema prisional brasileiro não recupera ninguém. Trata-se de um sistema abandonado pelo poder público, que hoje se resume basicamente em depósito de seres humanos”, lamentou o magistrado, que trabalhou na Vara de Execuções Penais por quatro anos.

Para o juiz, os estabelecimentos prisionais representam lugares insalubres, nos quais pessoas que cometeram crimes são jogadas em quantidade muito maior do que a capacidade, sem que ofereçam nenhuma atividade que possa despertar nos apenados um sentimento de querer mudar de vida. “Pouquíssimos são os casos de recuperação e, na minha opinião, mesmo aqueles que se recuperam o fazem por esforço próprio sem nenhuma contribuição estatal”.

Ele também falou sobre dois sentimentos que têm se tornado comuns. “Há alguns estudiosos que di-

Arquivo TJTN



“
Infelizmente o sistema prisional brasileiro não recupera ninguém. Trata-se de um sistema abandonado pelo poder público, que hoje se resume basicamente em depósito de seres humanos”.

**Juiz Vagnos Kelly
Figueiredo de Medeiros**

zem que a prisão não ressocializa e por isso deveria acabar. Na minha opinião, as prisões estão totalmente sucateadas e sem oferecer qualquer atividade e ou tratamento para os apenados - tratamento para livrar dependência química, cursos profissionalizantes, trabalhos etc. Assim, ao invés de pensarmos em fechar as prisões, deveríamos primeiro pensar em estruturar adequadamente as unidades prisionais”. O magistrado comparou e questionou o

caso com algumas unidades de saúde (hospitais, UPAs etc). “Quando estão sucateadas, com carência de profissionais, materiais de trabalho e de medicamentos, qual seria a solução? Fechar a unidade? Acabar com o atendimento público de saúde porque funciona mal? O correto seria readequar essa estrutura para que funcione bem. Do mesmo modo deve ser com relação ao serviço penitenciário”.

Sobre a tendência de as pessoas acharem que a figura do justiceiro resolveria o problema, Vagnos levantou a realidade amplamente debatida do que é vivido em comunidades do RJ. De maneira mais simples, como citou, primeiro o traficante ocupou o papel de manter a ordem na comunidade e, quem a transgredisse, ele e seus seguidores eram responsáveis pelo julgamento e execução da pena. Como não tinha limites, foi a própria figura que passou a cometer as mais horríveis atrocidades. Em seguida, surgiram as milícias, formadas muitas vezes por pessoas públicas ligadas à área da segurança, as quais começaram cobrando para proteger a população dos bandidos e depois passaram a cometer os mesmos crimes anteriormente praticados.

“Acredito que a saída está em exigirmos do poder público um serviço de segurança mais eficiente, que alcance a polícia ostensiva, a polícia investigativa, julgamentos mais rápidos e um sistema prisional mais adequado, pois o que vemos é uma deficiência em todas essas etapas”.

“O problema não é a Lei”

Para o juiz, a fragilidade do sistema não está na falta de leis mais severas. “Se o que consta na legislação atual pelo menos fosse cumprido pela administração penitenciária, a situação seria muito diferente. Só para se ter uma ideia,

hoje ninguém cumpre pena em regime aberto por falta de casa de albergado. Ou seja, não adianta a lei dizer que quem comete um tipo de delito deverá cumprir uma soma de anos na prisão se o poder público não constrói presídios e

por isso essa pessoa fica solta. O problema não é a lei, mas a falta de cumprimento”. Com exceção de Mossoró, no Rio Grande do Norte não se cumpre pena no regime semiaberto e faltam vagas para o regime fechado.



#VoltaMãoBranca

O descrédito com a segurança e a justiça provoca em parte da população o desejo de “fazer justiça com as próprias mãos”. Embora o sentimento seja uma consequência natural da situação e, por vezes, irracional, é preciso ficar atento. Ainda que a vontade não seja materializada, expressar ou incentivar desejos de violência pode trazer consequências legais. Pelo Twitter, diversos usuários utilizam a hashtag “VoltaMãoBranca para manifestar sua revolta contra a violência.

“Querer que bandidos morram, por si só, é uma manifestação de pensamento, que deve ser garantida. O que pode haver é que, dependendo da maneira como as pessoas expressam esse sentimento, podem cometer o delito de apologia ao crime, sujeito à pena de prisão”, alertou o juiz Vagnos Kelly. Pedir a volta de um “Mão Branca”, ou seja, de um assassino [ainda que de bandidos] caracteriza crime e sujeita o seu autor a arcar com penalidades do ato, previstas na legislação.

HOMICÍDIOS

Dados da União das Nações Unidas contra Drogas e Crimes (UNODC), mostram que no ano de 1981 Natal registrou 81 homicídios. Em 1986, o número chegou a cair para 36. Muita coisa mudou na capital potiguar e dentro

de um contexto de aumento populacional, avanço de drogas como o crack e equipes policiais e políticas públicas, em diversos setores, que não evoluíram na mesma proporção, a cidade teve, em 2014, a quarta maior taxa de homi-

cídios por 100 mil habitantes entre as capitais do país. Com a média de 65,89 assassinatos por grupo populacional, ficou atrás de Fortaleza (77,34), Macaíó (69,53) e São Luís (69,07), segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

SÃO GONÇALO DO AMARANTE É A 2ª MELHOR CIDADE DO BRASIL. (*)



EXAME.COM

Ranking	Cidade	Estado	Pontuação
1	Vinhedo	SP	3,273
2	São Gonçalo do Amarante	RN	3,088
3	Lucas do Rio Verde	MT	2,880
4	Pato Branco	PR	2,816
5	Francisco Beltrão	PR	2,749
6	Gurupi	TO	2,748
7	Campo Mourão	PR	2,720
8	Barra do Garças	MT	2,667
9	João Monlevade	MG	2,550
10	Itumbiara	GO	2,543
11	Estelô	RS	2,536
12	Jatãl	GO	2,531
13	Cianorte	PR	2,523
14	Votuporanga	SP	2,522
15	Frutal	MG	2,503
16	Navegantes	SC	2
17	Itajubá	MG	2
18	Pará de Minas	MG	2,490
19	Primavera do Leste	MT	2,486
20	Penápolis	SP	2,482

Segundo a Revista Exame, ao ser escolhida a 2ª melhor entre 100 cidades brasileiras com população de 50 a 100 mil habitantes, São Gonçalo do Amarante vê reconhecido para todo o Brasil o trabalho realizado ao longo dos últimos anos.

Quem é daqui sabe disso. Nos últimos 7 anos São Gonçalo deu um salto no seu desenvolvimento: infraestrutura, habitação, saneamento, saúde, educação e oportunidades para o crescimento profissional dos seus jovens e trabalhadores.

(*) Ranking elaborado pela consultoria Urban systems para a revista EXAME.



Prefeitura de
**São Gonçalo do
Amarante | RN**

Terra de Novas Oportunidades.



Chico Antônio

Mário de Andrade

O coco que encantou MÁRIO DE ANDRADE

Mário de Andrade passava dez dias no RN quando conheceu o embolador de coco Chico Antônio, humilde cantador e morador de um engenho, que hoje é tombado e aberto à visitação

Por Marcos Neruber

NO ANO DE 1928, o escritor modernista paulista Mário de Andrade deu seguimento à sua segunda viagem etnográfica pelo Nordeste para coletar documentos musicais populares. No Rio Grande do Norte, depara-se com o cantor potiguar Chico Antônio, em visita ao Engenho Bom Jardim, na zona rural do município de Goianinha, região Agreste, onde se hospedou por 10 dias, já em 1929. O encontro é registrado no diário do viajante e, ainda no calor da hora, em crônicas na imprensa potiguar e na paulistana. A vida e a liberdade criadoras do cantor valem ao ficcionista como fonte para um entredo romanesco.

De tão impressionado, comparou tal cantor especial a célebres tenores, como Beniamino Gigli e Enrico Caruso. De início, o escritor decide aproveitá-lo como um dos personagens principais do romance *Café*, mas não concretizou o projeto. Decidiu então publicar, como acréscimos das crônicas d'O *Turista Aprendiz*, um texto dividido em seis partes, semanalmente, de agosto a setembro de 1943, no rodapé "Mundo Musical" da *Folha da Manhã*, sob o título "Vida do Cantador". Chico Antônio, natural da cidade de Pedro Velho, era funcionário do engenho e, nas horas vagas, mostrava seu dom artístico como embolador, coqueiro e cantor.

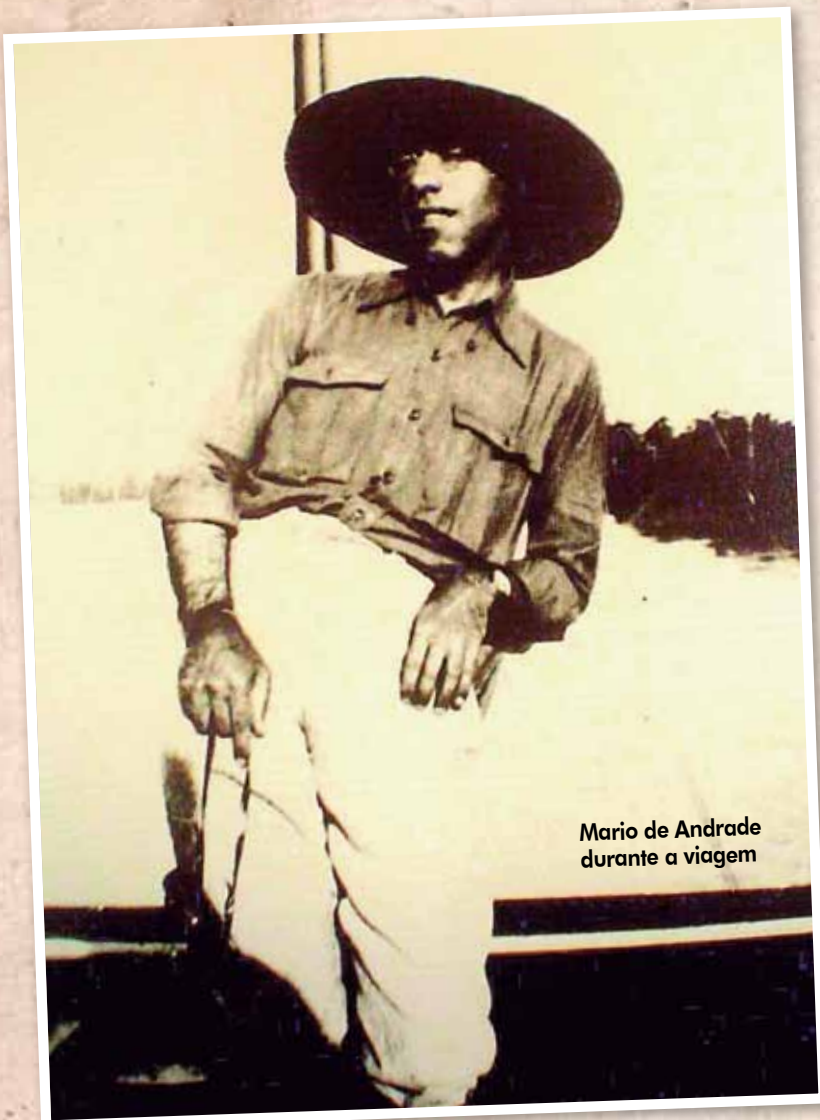
Mário de Andrade, figura maior da Semana de Arte Moderna realizada em São Paulo, em 1922, já consagrado à época de sua viagem ao RN como um dos maiores escritores brasileiros de então, veio ao estado a convite de Antônio Bento e Luís da Câmara Cascudo para estudar a cultura popular em solo potiguar. Em Natal, ele permaneceu por toda a segunda quinzena de dezembro de 1928, e, em janeiro de 1929, foi ao Engenho "Bom Jardim" para conhecer a família de Antônio Bento.

De início em Natal, na companhia de Câmara Cascudo, não gostou muito do que via e decidiu explorar o interior do estado, com viagem ao Engenho Bom Jardim, onde iria passar apenas um dia e acabou hospedado por dez, além da visita ao município de Vila Flor.

Dona Helena de Araújo Lima, matriarca da família e atual proprietária do engenho, conta que nesse período "o escritor estava em viagem de pesquisa musical e etnográfica pelo Nordeste e conheceu no engenho o coquista Francisco Antônio, o Chico Antônio. O modernista paulista fez dele um personagem de vários de seus livros. Ele não conhecia o Nordeste, veio para conhecer nosso folclore e escrever o livro *Macunaíma*". Em o "Turista Aprendiz", o escritor fez várias citações do seu encantamento pelo lugar e, principalmente, pelo talento do embolador. "Chico Antônio não é só a voz maravilhosa e a arte esplêndida de cantar: é um coqueiro muito original na gesticulação e no processo de tirar um coco", escreveu Andrade.



Dona Helena Araújo, matriarca da família e atual proprietária do engenho



Mario de Andrade durante a viagem

O encontro de Mário com Chico Antônio foi decisivo para a vida do coqueiro. O estudioso paulista ficou realmente perplexo diante da arte do potiguar. O deslumbramento foi traduzido em três crônicas de viagem, posteriormente enfileiradas no volume do *Turista Aprendiz*, no qual Mário diz: “Estou divinizado por uma das comoções mais formidáveis da minha vida. Chico Antônio não sabe que vale uma dúzia de Carusos”.

“A encantação do coqueiro é um fato e seu prestígio na zona, imenso. Se cantar a noite inteira, noite inteira os trabalhadores ficam assim, circo de gente suada sentada, acocorada em torno de Chico Antônio Irapuru, sem poder partir”, descreve o intelectual modernista, que continua: “E falou coisas de uma comoção tão simples, ditas com a verdade verdadeira dos homens simples”.

O registro do encantamento não se limitou às crônicas em que descreveu a personalidade do cantador, mas na abundância de material colhido, no trabalho diário, durante todo o tempo em que esteve no engenho. Material que foi posteriormente aproveitado em dois livros, o primeiro dos quais já publicados, *Os Cocos*, saído no ano de 1983, sob a supervisão da pesquisadora Oneyda Alvarenga, e o livro “*Melodias do boi e outras peças*”.

O embolador de coco ficou muito famoso em São Paulo, chegando a fazer shows nas maiores casas de artes da cidade. Durante a temporada no engenho, o escritor passava todas as músicas de Chico Antônio para o papel e depois, no piano da casa grande, cifrava todas, deixando o embolador impressionado. A casa grande é um prédio do começo do século XIX, de paredes de taipa, ampla varanda, janelões, e pátio ajardinado, típica construção do Brasil colonial, mantida praticamente a mesma até os dias de hoje, segundo o professor Juvino Pegado Cortez Neto.

Depois do encontro com o escritor, e a oportunidade que o havia dado, Chico Antônio se referia ao patrão Antônio Bento como sendo o seu compadre e “protetor”. A Mário de Andrade, tinha como “um santo”, que modificou sua vida e ofereceu a chance de cantar em São Paulo.

História de um talento

Francisco Antônio Moreira (Chico Antônio) nasceu no lugarejo denominado Côrte, município de Pedro Velho (RN), no dia 20 de setembro de 1904. Desde criança mostrou inclinação para a música, para o canto, particularmente para os cocos de embolada, gênero musical muito em evidencia no Nordeste brasileiro no tempo do seu nascimento. Seu pai, homem prático, agricultor honesto e trabalhador, cuja família não tinha precedentes de manifestações artísticas, procurou, desde cedo, colocar o filho na escola, para assegurar-lhe o futuro.

A escola não foi o lugar que Chico Antônio adaptou-se. Não se acostumou com aquele ambiente de letras e algarismos, mas era um menino inteligente, aprendendo facilmente as coisas. Os estudos escolares não condiziam com a sua vocação. Por isso, depois de pelejar durante seis anos contra o destino que o pai queria lhe impor, confessou-lhe certo dia o seu grande desejo de cantar cocos. O pai, como era de se esperar, reagiu ferozmente aos propósitos do filho, preferindo vê-lo apenas como agricultor, já que não conseguia despertar nele o interesse pelo estudo.

Trabalhando na enxada no sítio do pai, o menino não per-

dia oportunidade para ver as então grandes disputas tão famosas entre os conhecidos emboladores de coco, que no tempo do verão excursionavam por toda região e sonhava com o dia em que pudesse também ele próprio participar daqueles desafios que haveriam de lhe trazer uma fama com que ele jamais sonhara.

Zé Fulô, negro dos brejos paraibanos, foi o seu primeiro adversário, com Chico ainda menino. Foi a primeira vítima do seu talento. Muitos outros emboladores cruzaram o caminho

de Chico Antônio, desafiantes ou desafiados, mas, sempre por fim vencidos, pelo seu maravilhoso modo de cantar, até que, em 1929, atendendo a um convite de Antônio Bento de Araújo Lima, Chico se mudou para o Engenho Bom Jardim.

Desde tal descoberta que levou à fama, Chico é um símbolo da cultura popular não apenas no Rio Grande do Norte, mas de todo o Nordeste brasileiro. Sua vida é um testemunho do apreço aos valores da cultura popular, às mais sólidas raízes da nacionalidade.



Chico Antônio e Antônio Bento

Casarão bicentenário

Para contar um pouco da história da casa grande, dona Helena de Araújo Lima, 90 anos (90 anos e cinco meses, como explica), enche-se de felicidade. É a única que ainda mora na casa quase bicentenária.

O interior da residência tem poucas alterações. Apenas a parte externa sofreu algumas, para receber o público. A arquitetura é funcional e simples, sem adornos. A estrutura possui quatro quartos e três salas com funções definidas, incluindo uma bastante interessante, cujo acesso das mulheres era proibido.

O mobiliário reúne peças que pertenceram a diferentes gerações de moradores, entre cristaleiras, escrivaninhas, mesa, camas, espelho, oratório, piano e peças bastante interessantes que remetem ao cotidiano das diferentes épocas, como espreguiçadeiras, cuspideiras e cabides.

Foi construído um pátio ao lado da casa para servir as refeições aos visitantes, com cardápio elaborado por dona Helena e suas filhas, seguindo a tradição e mantendo as mesmas comidas das primeiras gerações. Dona Helena diz o que não pode faltar pela manhã: cuscuz, ovos mexidos, queijos de coalho e de manteiga, tapioca, pães, bolos e frutas.



A Fazenda Bom Jardim produz no engenho cachaças famosas na região: Maria Boa e a Mucambo

No almoço, é fundamental o tempero da cozinheira nos pratos: casquinho de caranguejo, paçoca, moqueca com pirão de peixe, galinha caipira, camarão no coco, ova de curimatã, sapatel, carneiro torrado, carne de sol e escondidinho. Além de sobremesa como manjar, compotas, bolo de macaxeira, doce de frutas e cocada de forno. Catarina de Araújo Lima, filha de dona Helena, diz que tudo é feito artesanalmente e os vegetais, frutos e carnes são da própria fazenda.





A família desenvolve o turismo rural, com visitas agendadas à casa grande

Percurso histórico da fazenda

A história da fazenda começa no início do século XIX, quando Manoel Pegado adquiriu terras no município de Goianinha, onde instalou um engenho, que recebeu o nome de Arvoredo.

Por volta de 1850, Pegado passou as terras, por herança, às mãos de seu genro, o coronel Antônio Bento de Araújo Lima, que se casou com dona Maria Camila. Com outras áreas adquiridas, a propriedade recebeu a denominação de Engenho Bom Jardim, nome que prospera até hoje.

No início, o engenho era movido a tração animal. Naquela época, a economia da região

se baseava em atividade agropecuária, destacando-se o cultivo da cana-de-açúcar e do algodão, assim também como a criação de gado.

A partir de 1872, foi instalado o sistema a vapor, que produzia açúcar mascavo, aguardente e melado. No mesmo período, a fazenda recebeu a indústria de beneficiamento do algodão.

Segundo a família do coronel, os escravos tiveram uma grande participação no desenvolvimento do engenho. Eles trabalhavam na lavoura e na indústria açucareira e construíram na fazenda um grande açude, ainda exis-

tente. Também ajudaram a erguer a casa-grande, um belo exemplar da arquitetura colonial.

Há dois séculos com a mesma família, que está na sexta geração, a Fazenda Bom Jardim produz no engenho, que fica em frente, cachaças muito famosas na região: Maria Boa e a Mucambo, orgulho dessa geração.

Na atual fase da fazenda, a família de dona Helena de Araújo Lima está desenvolvendo o turismo rural, com visitas agendadas à casa grande, onde os visitantes são recebidos com um delicioso e farto café da manhã, servido no seu alpendre.



A arquitetura é funcional e simples, sem adornos

Patrimônio Histórico Cultural

Para preservar a casa grande em memória do coronel Bento, a família solicitou ao governo do estado, por meio da Fundação José Augusto, o tombamento da fazenda. Iniciativa de Amaro Bezerra de Araújo Lima, um dos familiares dos proprietários, que solicitou ao órgão estadual responsável por tombamentos, com a justificativa de que a fazenda é um conjunto de adereços históricos que demarcam a vida cotidiana de várias épocas, assim também como das pessoas que por ali passaram e deixaram um pouco da sua cultura. E que o tombamento é essencial para a manutenção e preservação das áreas naturais, assim também

como os bens imóveis.

No documento cedido pelo Centro de Documentação Cultural Elói de Sousa, ele diz: “A fazenda Bom Jardim encontra-se intrinsecamente vinculada ao processo histórico do Estado do Rio Grande do Norte, tendo sido durante muito tempo habitação de uma das mais importantes famílias da zona da mata canavieira. Aqui sucederam-se várias gerações, deixando resquícios materiais que permanecem até nossos dias”.

No documento também argumenta a ida de Mário de Andrade ao engenho, para fortalecer a importância do tombamento: “Como podemos atestar, temos um vergudo arco que cristalizou

pelo menos duzentos anos da história do estado, salientando que foi aqui que ocorreu o histórico encontro entre Mário de Andrade e o artista popular, coquista, Chico Antônio, fazendo saber que a entrevista foi articulada pelo crítico Antônio Bento”.

Amaro Bezerra solicitou o tombamento em 23 de Abril de 2006. A partir de então foi feita uma visita técnica, composta por especialistas em arquitetura. Os técnicos analisaram toda propriedade e, pelas qualidades, assim como pelo estado de preservação e conservação em que se encontrava funcionando, deram o parecer positivo ao tombamento.

O arquiteto Paulo Heider



O interior da residência tem poucas alterações, apenas a parte externa sofreu algumas para receber o público

Forte Feijó foi o especialista que assinou o processo que confirmou a necessidade do tombamento, com a seguinte justificativa: “Considerando de relevante valor arquitetônico e cultural, o conjunto compreendido pela casa-grande da fazenda Bom Jardim, a edificação que sediará o Instituto Antônio Bento, a casa de morada do senhor Agenor Lima, o engenho e o alambique, a mata atlântica, cocheiras e outras construções ali existentes, bem como o sítio onde o mesmo está implantado e sua ambiência, valorizado pelo lago que se situa à sua frente, tudo que tão bem representa a casa de três gerações que ali se sucedem, deixando as marcas de seu tempo para as futuras gerações, sua preservação protegida por instrumento le-

gal, através do seu tombamento como patrimônio histórico pelo Governo do Estado é oportuna e, portanto, recomendada”.

O processo teve bastante destaque entre os meios culturais políticos, até que em 2007 a então governadora Wilma de Faria assinou o decreto nº 19.627, no qual diz que pelo uso de suas atribuições que lhe confere o artigo 64, fica tombado pelo Estado o conjunto arquitetônico que integra a Fazenda Bom Jardim, localizado no município de Goianinha, ficando a Fundação José Augusto responsável por efetivar os devidos registros. A fazenda, então, passou a integrar o patrimônio histórico cultural do estado, que hoje conta com 140 bens tombados, sendo 130 em nível estadual e 10 em nível federal.

Como chegar à fazenda

Para chegar à fazenda, partindo de Natal, o caminho começa pela BR-101 e segue até a cidade de Goianinha. Passando a área urbana, entra à direita pela rodovia para o município de Santo Antônio. Após 4 km pela rodovia estadual, entra à direita numa estrada de terra, seguindo por mais 1 km e chega à sede da fazenda, situada ao lado direito.

ESQUECIDOS

Sem preservação, prédios antigos de Mossoró são transformados em estruturas comerciais

Por Alice Lima

Fotos: Acervos de Geraldo Maia e Azogue.com





Allen Panick

CONSIDERADA A “CAPITAL DA cultura potiguar”, Mossoró, a segunda maior cidade do Rio Grande do Norte, tem em sua biografia grandes acontecimentos históricos que marcam a terra e o seu povo. Entre eles estão a resistência à invasão do bando de Lampião, a libertação dos escravos cinco anos antes da Lei Áurea, o Motim das Mulheres e o primeiro voto feminino da América Latina.

As passagens são contadas em apresentações culturais que fazem parte calendário mossoroense, como os festejos de São João e o espetáculo “Chuva de Balas no País de Mossoró”, além de outros eventos e festas religiosas. O município que carrega tal responsabilidade cultural e histórica, no entanto, pouco preserva a sua memória arquitetônica e urbanística. A exceção é o conjunto formado pelas construções que pertencem ao município.

Um breve passeio pela cidade revela a falta de cuidado com o passado de rica história. Fachadas seculares disputam espaço com placas de comércio e formam a imagem do que se chama de poluição visual. Segundo o historiador Geraldo Maia, ocorre conflito de interesses. Muitos dos imóveis são particulares e não há, de maneira efetiva, um plano de preservação em vigor por parte do poder público.

Nos anos de 1980, houve uma expectativa de que o patrimônio histórico e cultural do local seria resguardado. Após visitar a cidade do Rio de Janeiro, o então prefeito Dix-Huit Rosado Maia resolveu levar a ideia de preservação de prédios históricos, a qual conheceu de perto, para Mossoró. A prefeitura convidou a cidade para participar de seminários sobre o “Corredor Cultural”, que contaram com palestras dos profissionais envolvidos no projeto carioca. Nos registros, uma série de construções estavam na lista da iniciativa que propunha a preservação de áreas importantes. À época, um veículo impresso noticiou: “Um projeto poético e que só existe outro igual no Rio de Janeiro é o que Mossoró está executando para preservar seus monumentos”.



Praça Rodolfo Fernandes atualmente e o local em 1946, no espaço chamado Pavilhão Vitória

Instituições de ensino, casas de abolicionistas, igrejas e órgãos públicos eram alguns dos itens lembrados no projeto o qual, para não dizer que não saiu do papel, materializou-se em placas postas sob as paredes de alguns dos locais selecionados, sem provocar nenhum ordenamento ou conservação de maneira mais firme. Naquele período, a cidade tinha três cinemas no centro e estavam todos listados. Hoje, possui apenas as salas de uma shopping center. O mais famoso deles, o PAX, inaugurado na década de 1930 e que resistiu por muitas décadas, deixou de existir há alguns anos.

Segundo Geraldo Maia, o projeto original não previa preservação. A iniciativa estabeleceu apenas a existência de placas nos prédios listados, identificando que pertenciam ao Corredor Cultural. “O problema é que os prédios estão no centro da cidade, pontos muito valorizados, sem lei que proteja nem verba prevista para que o poder público os compre”, lamentou o historiador. Assim, parte deles já foi vendida e suas placas guardadas no museu.

No RN, existem 47 tombamentos, mas nenhum deles está na “terra de Santa Luzia”. Durante a gestão de Fafá Rosado, foi sancionada a Lei de Tombamento Municipal, no dia 17 de junho de 2011, que “estabelece como patrimônio histórico, artístico, paisagístico e cultural a serem tom-



O cinema PAX, que resistiu por várias décadas, abriga uma grande loja

bados construções e obra de arte de notável qualidade, edificações, monumentos intimamente vinculados a algum fato memorável da histórica local, monumentos naturais, como sítios e paisagens, conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, arquitetônico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico, entre outros”.

No final de 2014, a prefeitura chegou a divulgar que estava em busca de realizar o tombamento de alguns prédios da cidade, como a Estação das Artes Elizzeu Ventania, mas até o momento a ideia não se concretizou. A então secretária de Cultura, Isolda

Dantas se reuniu com o Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) para obter informações sobre o processo. Durante a produção desta edição, as secretarias municipais estavam passando por mudanças nos titulares responsáveis devido a uma reforma administrativa realizada pelo prefeito Francisco José Silveira Júnior. O número de secretarias passou de 19 para 11. Até o fechamento da matéria, o nome da nova secretária da pasta ainda não havia sido divulgado e, por isso, não tivemos acesso às informações e planejamentos atuais do Executivo municipal a respeito da preservação dos prédios.



Local histórico, o Grande Hotel foi demolido na década de 1980 e hoje está repleto de fachadas comerciais



O Mercado Municipal mantém a forma desde 1960, mas a estrutura original é da década de 1930

Abandonados

Um dos exemplos mais fortes da mudança visual da cidade está no local onde fora um dia o Grande Hotel da cidade. Em uma esquina estratégica, bem no centro, hoje há uma grande loja, que em nada lembra uma das construções mais importantes para a cidade em décadas passadas. O prédio original, que foi demolido em 1980, teve o seu auge nas décadas de 1930 e 1940. Era o principal ponto para hospedar quem chegava à cidade a negócios. Lá também o Cinema Almeida Castro, onde aconteciam grandes espetáculos, além das exibições de filmes.

Como já era propriedade privada, quando outros hotéis, mais modernos e estruturados, começaram a surgir foi morrendo aos poucos. Após ser demolido, passou anos como apenas um grande terreno, até ter o novo estabelecimento erguido. Bem perto de onde fora o hotel, o Mercado Municipal segue de pé, mas sem as formas originais de 1930, pois trinta anos depois passou por uma reforma para ser “modernizado” e foi finalizado com a estrutura que permanece.

Entre seus vários prédios antigos, a cidade ainda tem o casarão conhecido como “o catetinho de Mossoró”, onde morou Odete de Góis Rosado, mãe da ex-prefeita Fafá Rosado. A casa era um palacete de um comerciante que hospedou o ex-presidente Getúlio Vargas e toda sua comitiva quando ele esteve na cidade. A família fazia questão de preservar a versão original do patrimônio. Após o incêndio que destruiu a obra, a reconstrução foi fiel ao pretendido inicialmente. Porém, em 2015, o Catetinho foi vendido a uma empresa que iria transformá-lo em restaurante, o que ainda não aconteceu devido à interferência do Ministério Público (MP).

A Associação Cultural e Esportiva Universitária (Aceu) segue desativada. O local que era sede do extinto Ipiranga Clube está com a estrutura condenada. Foi construído pela prefeitura para ser sua sede. Padre Mota, que governou a cidade de 1936 a 1945, ao assumir o Executivo do município, concluiu o prédio, mas o doou ao clube de futebol. Quando a iniciativa esportiva deixou de existir, foi passado à Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (Uern), mas com um contrato apenas verbal. A princípio, a universidade não podia investir verba em algo que ainda não a pertencia juridicamente. “A



Geraldo Maia, historiador

reitoria da universidade está tentando uma forma de recuperá-lo. Como já fez orçamento, é provável que se

recupere e no local devem passar a funcionar os cursos de artes. Não há local mais adequado”, esclareceu Geraldo Maia.

No passeio pela cidade, há outros exemplos da transformação urbanística das ruas e pontos importantes. A casa do jornalista e escritor Dorian Jorge Freire passou a ser um estacionamento. Já na Avenida Alberto Maranhão, o terreno onde funcionou uma fábrica de algodão é hoje o Boulevard Shopping. O antigo Cine Caiçara, presente na lista do Corredor Cultural do prefeito Dix-huit, se transformou imponente em prédio comercial.

Prédios cuidados, histórias protegidas

Alguns dos prédios históricos da cidade foram adquiridos pelo Município. A sede da Prefeitura de Mossoró é um dos exemplos. O local, bem conservado, era a residência do prefeito Rodolfo Fernandes, à frente da cidade quando o bando de Lampião a invadiu, no dia 13 de junho de 1927. Foi uma espécie de quartel de combate e estratégia, o que rendeu o nome de Palácio da Resistência. A mansão também foi lar de Duarte Filho, médico e político de destaque na cidade, que morreu como senador da República. No governo de Dix-Huit Rosado passou a ser sede da prefeitura.

Bem próxima ao palácio, a igreja São Vicente, famosa por manter as marcas de balas disparadas na batalha contra os cangaceiros,



O Palácio da Resistência e a Igreja São Vicente estão bem preservados

guarda também uma forte e curiosa passagem sobre a sua construção, em 1915. Naquele ano, o estado vivia uma grande seca e centenas de famílias saíam do campo para conseguir sobreviver. Chegando a Mossoró, grupos inteiros trabalharam na construção do templo em troca de comida, água e abrigo. Foi com “sangue, suor e lágrimas construída às custas do flagelo”,

nas palavras do professor Almeida Barreto documentadas por uma série especial do extinto jornal Gazeta do Oeste, no ano de 1991. A lembrança tem propriedade, uma vez que ele era um dos responsáveis pela obra. Por isso, chegou a dizer que os mossoroenses, ao passarem de frente à igreja, deveriam reverenciar e agradecer também à sofrida gente que a levantou.

Outro casarão que foi adquirido pelo poder municipal, onde hoje funciona a Secretaria de Finanças, foi palacete do industrial Antônio Florêncio de Almeida, construído em 1930. O prédio tem uma particularidade: foi o primeiro a ser erguido em Mossoró com vigas de cimento armado em sua estrutura. Por duas gestões, dos prefeitos Antônio Rodrigues e Raimundo Soares de Souza, foi sede do Executivo. Com uma fachada delicada, o casarão Lili Duarte é onde funciona a Procuradoria do Município e é também uma bela construção.

Colorindo a cidade, o Museu Jornalista Lauro da Escóssia, que tem 135 anos, já foi a cadeia pública da cidade. A catedral de Santa Luzia, templo religioso que deu origem à cidade, é um dos prédios mais importantes, construído devido a uma promessa feita à santa pela esposa do fundador da cidade, Antônio de Souza Machado. Duas belas construções que estão preservadas são a Reitoria e a Escola de Música da Uern.

O Corredor Cultural, mesmo sem os tombamentos, é o nome dado à parte da Avenida Rio Branco que conta de maneira viva a história da cidade e tem opções de lazer, cultura e esporte. Fazem parte da estrutura o Teatro Municipal Dix-Huit Rodado, a Estação das Artes Elizeu Ventania, o Memorial da Resistência, a Praça da Convivência, a Praça de Eventos, a Praça das Crianças e a Praça dos Esportes.



01 - Casarão Lili Duarte | 02 - Teatro Municipal Dix-Huit Rosado | 03 - Praça das Crianças | 04 - Estação das Artes Elizeu Ventania

O Odioso do Egito

Mosquito que transmite dengue, febre chicungunya e zika vírus é o novo foco de pesquisadores organizações ligadas à saúde

Por Roberto Campello





O MOSQUITO AEADES AEGYPTI, que tem origem grega e significa “odioso do Egito”, atrai, sobretudo nos últimos meses, a atenção de cientistas e profissionais de saúde, em função do crescente potencial de transmissão de doenças. Além da dengue e febre amarela, o mosquito também transmite outras dezenas de arboviroses – doenças virais transmitidas por vetores -, como a febre chikungunya e zika vírus. Agora, o segundo tornou-se uma preocupação mundial em função da sua relação com os crescentes casos de microcefalia no Brasil. O alerta da Organização Mundial de Saúde (OMS) o colocou na mesma categoria de importância internacional que o ebola.

O Brasil acostumou-se, nos últimos anos, a enfrentar grandes epidemias de dengue, doença transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti*. O ambiente favorável para adaptação e dispersão do vírus propiciou a entrada de novas doenças transmitidas pelo vetor, como é o caso da febre chikungunya e o zika vírus. Embora os sintomas do vírus transmitido pelo mosquito costumem ser de pouca gravidade, ele passou a ser observado com mais atenção quando surgiram indícios que o vinculam ao número excepcionalmente elevado de casos de bebês que nascem com microcefalia. A situação é considerada oficialmente, desde o início do mês, uma emergência de saúde pública internacional, para a Organização Mundial da Saúde (OMS).

O Comitê de Emergência do órgão considerou que o aumento de casos de microcefalia e outras complicações neurológicas no Brasil e na Polinésia Francesa, e a sua possível relação com o zika vírus, consistem em uma situação extraordinária, sendo uma ameaça para a saúde pública de outras partes do mundo. A Organização das Nações Unidas (ONU) considera que o vírus está se espalhando de forma “explosiva” e pode infectar até quatro milhões de pessoas nas Américas.

O Ministério da Saúde considera de fundamental importância a declaração de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) e sua possível associação com a microcefalia e síndromes neurológicas. O reconhecimento internacional deve facilitar a busca de parcerias em todo o mundo, reunindo esforços de governos e especialistas para enfrentar a situação e exige uma resposta coordenada.

A única certeza que os cientistas têm sobre o zika é que uma das maiores barreiras para seu combate é o mosquito *Aedes*, um vetor extremamente adaptado aos ambientes urbanos. Ao longo dos séculos, suas fêmeas aprenderam a colocar ovos apenas em ambientes artificiais que retêm água, como calhas, caixas d’água ou pneus, locais abundantes nas cidades brasileiras de organização caótica, cobertas por asfalto ou concreto que dificultam o escoamento da água das chuvas.

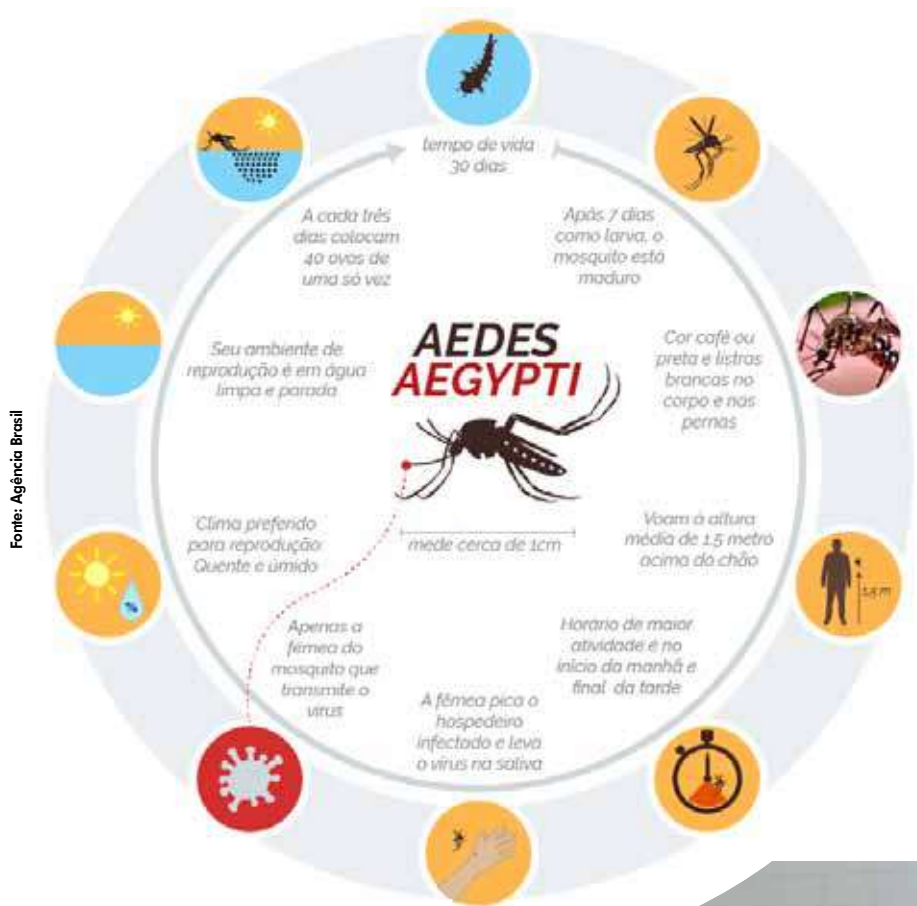
Além disso, os ovos do mosquito adquiriam uma resistência incomum, capazes de sobreviver por até dois anos, mesmo sem água. Com essa característica, eles podem viajar, espalhando-se por diversas regiões. Esse inseto astuto também sabe escapar da maioria das táticas de prevenção e controle, como inseticidas e repelentes. A combinação do vírus sobre o qual pouco se sabe e o hábil mosquito é a principal causa da epidemia alarmante.

Transmitido pela picada da fêmea do mosquito *Aedes aegypti*, o zika vírus entra na corrente sanguínea e pode infectar células da pele, do sistema linfático e a conjuntiva. Por isso, os sintomas do vírus que permanece por volta de dois a três dias no organismo são a formação de manchas na pele, gânglios ou conjuntivite, além da febre baixa e mal-estar característico das infecções. Contudo, em até 80% dos casos, o zika pode ser assintomático. Com efeitos assim em adultos, o vírus não chegou a preocupar os médicos.

No entanto, alguns poucos estudos relatam que o microrganismo pode também ter afinidade com as células do sistema nervoso. Uma dessas pesquisas, publicada em 1952, descreve a injeção do vírus em camundongos, chimpanzés e coelhos. A análise revela que em ratos jovens, com menos de duas semanas de vida, é capaz de destruir as células nervosas, efeito que não foi visto nos animais mais

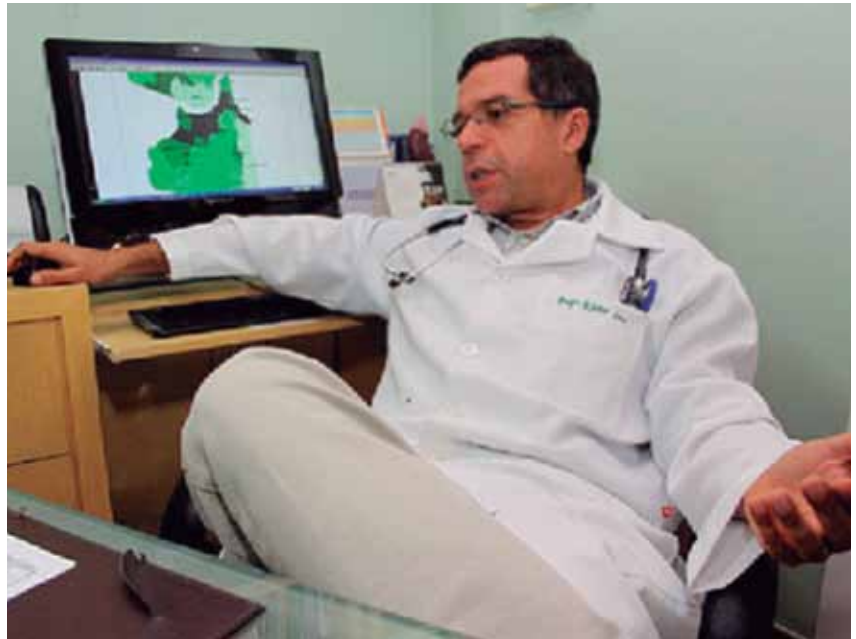
velhos. Outras pesquisas mencionam o aumento de alguns casos da síndrome de Guillain-Barré, uma afecção autoimune que afeta os tecidos do sistema nervoso e é capaz de levar à paralisia.

“Os estudos sobre o zika e seu mecanismo de ação pararam por aí. Tudo o que sabemos sobre ele são os relatos de médicos que acompanharam os surtos na Micronésia e Polinésia e nos ajudaram a estabelecer as relações entre o vírus e seus efeitos no Brasil. No entanto, toda a biologia do parasi-



ta ainda está por ser descoberta”, destacou o infectologista Kleber Luz, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, um dos primeiros cientistas a perceber a relação entre as infecções de zika e o aumento dos casos de microcefalia na região Nordeste, em outubro de 2015.

“O zika vírus já se instalou no Brasil e dificilmente aumentará sua incidência devido às Olimpíadas. Agora, o que pode ocorrer quando realizarmos grandes eventos é abriremos espaços para outras doenças devido aos visitantes que vêm de todas as partes do mundo”, esclareceu o infectologista.



Kleber Luz, infectologista e professor da UFRN, foi um dos primeiros cientistas a perceber a relação entre zika e microcefalia

Microcefalia e zika vírus

A microcefalia é uma malformação congênita em que o cérebro do recém-nascido não se desenvolve de maneira adequada, atingindo um perímetro cefálico igual ou inferior a 32 centímetros. Crianças com microcefalia têm problemas no desenvolvimento. Kleber Luz explica que a principal forma de transmissão acontece por meio da picada do mosquito, porém, o vírus pode ser transmitido entre humanos por meio das relações sexuais sem preservativos, pelo aleitamento materno e pela transfusão de sangue.

Embora estudos mostrem que essa anomalia congênita pode ser efeito de uma série de fatores de diferentes origens (como o uso de



Aline Bezerra, chefe do Setor de Vigilância Epidemiológica da SMS

substâncias químicas pela gestante, desnutrição, agentes biológicos, como bactérias e vírus, ou mesmo radiação) e não haver uma defini-

ção da causa do problema, a principal suspeita para o aumento do número de casos de microcefalia, principalmente na região Nordeste, está relacionada ao surto do vírus que aconteceu em 2015.

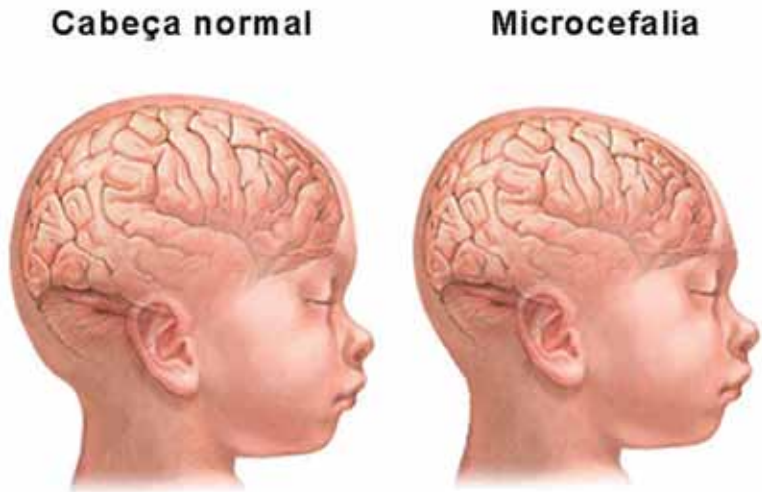
A chefe do Setor de Vigilância Epidemiológica da SMS, Aline Bezerra, explica que após o nascimento do recém-nascido, o primeiro exame físico é rotina nos berçários e deve ser feito em 24 horas do nascimento. Este período é um dos principais momentos para se realizar busca de possíveis anomalias congênitas. Além disso, é feito uma investigação dos antecedentes maternos, histórico gestacional, perímetro cefálico igual ou abaixo de 32cm, além de exame

de imagem (ultra-sonografia, tomografia ou ressonância) que comprove a microcefalia e histórico gestacional de infecção por arbovirose. “Por isso é importante que os profissionais de saúde fiquem sensíveis para notificar os casos de microcefalia no registro da doença no Sistema de Informação Sobre Nascidos Vivos. Qualquer arbovirose tem atração pelo sistema nervoso e já foi comprovado que o Zika vírus atravessa a placenta”.

Aline Bezerra descartou qualquer relação dos casos de microcefalia com as vacinas que as gestantes tomam durante a gravidez, o que chamou de “boato”. O calendário básico da gestante é composto de

vacina contra a Hepatite B, DTPa e Influenza, em período de campanha. “Não existiu nos últimos cinco anos nenhuma vacinação para sarampo,

rubéola ou caxumba para mulheres em idade fértil, entre 10 e 49 anos. As nossas vacinas são extremamente seguras”, assegurou.



Não é hora de engravidar



Maria da Guia Garcia, ginecologista e obstetra

Apesar de o ministro da Saúde, Marcelo Castro, ter dito “sexo é para amador, gravidez é para profissional”, o Ministério da Saúde não faz recomendação para que a gravidez seja evitada nesse período, mas sim que as gestantes procurem um médico com antecedência. Especialistas, porém, dizem que mesmo onde não há surto de microcefalia e circulação do zika o melhor é adiar o sonho da maternidade.

A melhor forma de evitar os casos de microcefalia associados ao vírus zika é evitar que as mulheres engravidem nesse momento. É o que defende a ginecologista e obstetra Maria da Guia de Medeiros Garcia, gerente de Atenção à Saúde da Maternidade Escola Januário Cicco, em Natal. “A

melhor forma de prevenir a microcefalia é não ter o feto na barriga. É radical? Pode ser. Mas pode evitar um desastre maior. A infecção por zika pode afetar o feto em qualquer período da gravidez, embora a hipótese seja que o maior perigo aconteça no primeiro trimestre de gestação, mas não há estudos que garantam segurança no restante da gravidez. Não temos controle adequado do mosquito *Aedes aegypti*, então é melhor esperar para que tenhamos uma dimensão real da epidemia”, enfatizou.

Não existe vacina para prevenir, nem tratamento para essas crianças, só terapias de suporte. As sequelas nas crianças são para a vida toda. Diante do cenário, o infectologista Kleber Luz também é favorável a que as mulheres

não engravidem. “É necessário tempo para que possamos conhecer mais a doença e construirmos uma literatura específica. Este é um momento de risco e é importante que as mulheres adiem este sonho para não correrem este risco. As que já estão gestantes, têm que evitar, ao máximo, o contato com o mosquito”. Ele conta que, as chances dos bebês nascerem com microcefalia, de uma gestante contaminada pelo zika vírus, é altíssima. “O vírus é bastante agressivo”.

A médica explica que as gestantes têm diagnóstico conclusivo sobre a situação dos seus bebês ao chegar na 30ª semana de gestação, quando é realizado uma ultrassom morfológica. Se o bebê for diagnosticado com microcefalia, ela explica que a gestante não precisa procurar uma unidade de alto risco, como a Maternidade Escolla. “A gestante deve procurar os hospitais ou postos de saúde próximos de onde ela mora. Nós estamos construindo um fluxograma de saúde pública, para que o pré-natalista da paciente consiga dar conta dos exames, onde quer que ela esteja, sem precisar

“

A melhor forma de prevenir a microcefalia é não ter o feto na barriga. É radical? Pode ser. Mas pode evitar um desastre maior. A infecção por zika pode afetar o feto em qualquer período da gravidez, embora a hipótese seja que o maior perigo aconteça no primeiro trimestre de gestação”.

Maria da Guia Garcia,
ginecologista e obstetra

de deslocamento porque, embora o diagnóstico positivo para microcefalia seja complexo para o bebê e para a família, a realização dos exames que dão essa identificação é bastante simples”, afirma.

Para as mulheres que já estão grávidas, elas devem eliminar todos os criadouros do mosquito e usar repelentes, de modo a cobrir todo o corpo, passando de quatro em quatro horas, além de evitar viajar para as zonas de maior risco.

Em outubro do ano passado, o Brasil fez um alerta sobre um número elevado de nascimentos de crianças com microcefalia na região Nordeste. O país notificou em maio de 2015 o primeiro caso de doença pelo vírus zika. Desde então, “a doença se propagou no país e também em outros 22 países da região”, aponta a OMS.

O Brasil é o país mais atingido pelo vírus, seguido pela Colômbia, que anunciou mais de 20 mil casos, dois mil deles em mulheres grávidas. A Colômbia aconselhou as mulheres a adiarem a gravidez por seis a oito meses. Alertas similares foram feitos no Equador, El Salvador, Jamaica e Porto Rico. O alerta também soou na Europa e Estados Unidos, onde o vírus foi detectado em dezenas de pessoas que viajaram ao exterior.

Casos

Até a primeira semana de fevereiro, o Ministério da Saúde e os estados estavam investigando 3.670 casos suspeitos de microcefalia em todo o país. Isso representa 76,7% dos casos notificados. Ao todo, foram 404 casos que já tiveram confirmação de microcefalia e/ou outras alterações do sistema

nervoso central, sendo que 17 com relação ao vírus Zika. Outros 709 casos notificados já foram descartados. Ao todo, 4.783 casos suspeitos de microcefalia foram registrados até 30 de janeiro.

No total, foram notificados 76 óbitos por microcefalia e/ou alteração do sistema nervoso

central após o parto (natimorto) ou durante a gestação (abortamento espontâneo). Destes, 15 foram investigados e confirmados para microcefalia e/ou alteração do sistema nervoso central, sendo que cinco tiveram identificação do vírus no tecido fetal. Outros 56 continuam em investigação e cinco já

foram descartados.

Cabe esclarecer que o Ministério da Saúde está investigando todos os casos de microcefalia e outras alterações do sistema nervoso central, informados pelos estados e a possível relação com o vírus zika e outras infecções congênitas. A microcefalia pode ter como causa diversos outros agentes infecciosos, como sífilis, toxoplasmose, rubéola, citomegalovírus e herpes viral.

De acordo com o informe,

os 404 casos confirmados, desde o início das investigações no dia 22 de outubro do ano passado, foram registrados em 156 municípios de nove estados brasileiros: Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. A região Nordeste concentra 98% dos municípios com casos confirmados, sendo que Pernambuco continua com o maior número (56), seguido dos estados do Rio Grande do Norte (31), Paraíba

(24), Bahia (23), Alagoas (10), Piauí (6), Ceará (3), Rio de Janeiro (2) e Rio Grande do Sul (1).

Até o momento, estão com circulação autóctone do vírus Zika 22 unidades da federação. São elas: Goiás, Minas Gerais, Distrito Federal, Mato Grosso do Sul, Roraima, Amazonas, Pará, Rondônia, Mato Grosso, Tocantins, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná.



Caça ao mosquito da dengue envolve diversas estratégias em uma metodologia inovadora

Metodologia inovadora

O município de Natal foi escolhido pelo Ministério da Saúde, Organização Mundial da Saúde e Organização Panamericana da Saúde (OPAS) como projeto piloto em uma nova abordagem de combate e monitoramento do *Aedes aegypti*. O Vigiadengue é um sistema de monitoramento ativo com base na vigilância epidemiológica e vigilância entomológica das arboviroses (doenças virais transmitidas por meio de vetores) de importância para a saúde pública. A nova abordagem tem a finalidade de realizar o monitoramento contínuo a fim de identificar as áreas de maior risco para a ocorrência de surtos e epidemias, criar categorias de risco, a partir da utilização de indicadores epidemiológicos e entomológicos que já são utilizados na rotina e outros a serem desenvolvidos, além de estabelecer categorias de intervenção ou estágio de resposta para cada nível de risco.

O Vigiadengue já apresenta os primeiros resultados positivos no controle de surtos epidêmicos. “Esse programa já foi aprovado pelo Ministério da Saúde e será referência no Brasil no combate e controle ao mosquito. Esse é um projeto inovador de controle vetorial gestado dentro da SMS”, destaca o secretário de Saúde de Natal, Luiz Roberto Fonseca.

Com a nova metodologia é possível classificar semanalmente a cidade em áreas com distintos níveis



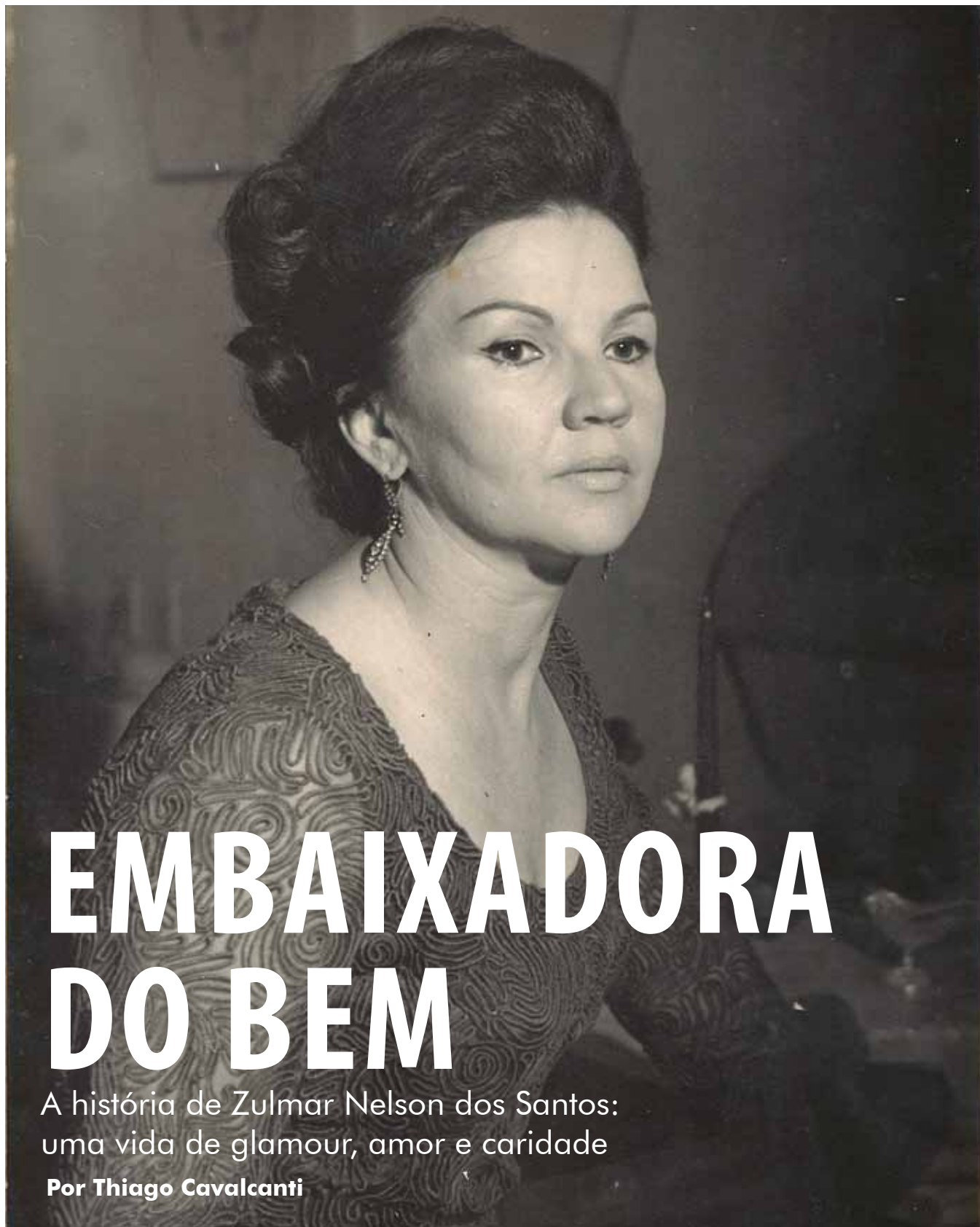
Alessandre Medeiros, chefe do Centro de Controle de Zoonoses.

de risco, orientar a intervenção de acordo com o nível de risco de cada área, considerando as intervenções mais adequadas para cada nível, além de mensurar e documentar o tempo entre a identificação do risco e o início da resposta. Além disso, foi criado o mapa de risco de Natal, desenvolvido pela Fiocruz, podendo, dessa forma, investigar 100% dos casos georreferenciados.

Pelo Vigiadengue, o nível 1 acontece quando não há nenhum sinal de alerta por três semanas consecutivas. O nível 2 é caracterizado quando há um sinal de alerta acima do limiar médio por duas semanas consecutivas e dois sinais de alerta acima do limiar médio por no mínimo uma semana. O nível 3 acontece quando o número de casos de dengue ultrapassar o li-

mite epidêmico para duas semanas consecutivas e o início da área com circulação do zika vírus ou a (re) introdução do sorotipo DENV. Por fim, o nível 4 é quando o número de casos estiver por três semanas ou mais consecutivas acima do limite epidêmico e pela introdução do vírus Chikungunya.

“Agora temos uma ação diferenciada em cada bairro e podemos controlar, com antecipação, os possíveis surtos epidêmicos que possam acontecer em alguns bairros. Com isso, conseguimos bloquear o surto antes que ele se expanda e, se não evitar a epidemia, diminuir o impacto dela. Hoje temos uma análise e planejamento realizado semanalmente”, explica Alessandre Medeiros, chefe do Centro de Controle de Zoonoses.



EMBAIXADORA DO BEM

A história de Zulmar Nelson dos Santos:
uma vida de glamour, amor e caridade

Por Thiago Cavalcanti



A união de Geraldo e Zulmar Santos durou 61 anos. O casal é considerado um dos mais emblemáticos das crônicas sociais do RN

ELA MARCOU ÉPOCA NA sociedade potiguar. Mulher de fino trato, virou referência no quesito elegância e bem receber. Ao lado do marido, o empresário Geraldo Santos, formou um dos casais mais emblemáticos das crônicas sociais do estado. Mas Zulmar Santos foi além disso. Usou seu poder e influência para ajudar os mais necessitados, o clero e outras instituições. Passou por provações,

mas nunca deixou de sorrir e tinha fé inabalável na Igreja Católica, até seu último dia de vida.

A icônica Zulmar nasceu em 28 de junho de 1926, em Vitória, capital do Espírito Santo, filha do casal Reginaldo Nelson e Severina, mas chegou a Natal com dois meses de vida. A primogênita de uma prole de seis filhos.

Os anos se passaram e a

moça, na flor da idade, conheceu seu grande amor, que era filho de portugueses que migraram para o Rio Grande do Norte. No dia 16 de dezembro de 1944, aos 18 anos, a bela casou com o jovem empresário. A partir do matrimônio, começou sua caminhada de vida social, familiar e caritativa. O casal passou a residir numa casa na rua Potengi, quadrilátero das famílias

tradicionais da provinciana Natal. A residência começou a ficar pequena com a chegada dos filhos, então fizeram a mudança para uma casa maior, na Rua Joaquim Fabricio, também no bairro de Petrópolis. O casal teve sete filhos: Marcos, Maria Lúcia, Maria Cristina, José, Maria Auxiliadora, Maria de Fátima e Geraldo Júnior.

A matriarca era conhecida como uma mãe extremada, sempre preocupada com a família. Seus sete filhos receberam educação, valores e princípios, sempre na valorização do ser e não do ter. Vaidosa, “acordava pronta”, como se dizia antigamente, mas sem perder a simplicidade e educação. Conseguiu agregar muitos amigos e admiradores, provocou mudanças ao seu redor em alguns parâmetros de comportamento, em uma sociedade machista e preconceituosa, com seu estilo vanguardista.

O marido, fundador da empresa Santos&Cia, que vendia peças de carro, passou em 1954 a ser representante das marcas de automóveis Ford e Williams, que vendia os carros Jeep, Aero-Willys, Rural Gordine e Itamaraty. Geraldo sempre apoiou a esposa em suas realizações. A senhora Santos movimentou a terra de Poti e muitas sementes plantadas por ela rendem frutos até hoje.



Recebendo a bênção do Papa João Paulo II



Com a médica e amiga Maria Alice Fernandes

Fé e Caridade

Zulmar era uma mulher extremamente católica. Fez de sua fé na Igreja uma bandeira para ajudar os mais necessitados. Ela se tornou uma força potente entre o clero na capital potiguar. Amiga de padres, cardeais e bispos, tinha trânsito livre na arquidiocese do estado. Todo início de ano ia ao Seminário São Pedro e pedia uma relação aos diretores da instituição com a quantidade de seminarista e suas necessidades materiais. Entre os agraciados, estava um que anos mais tarde se tornaria o atual pároco da Igreja Santa Terezinha, Padre Charles, um dos pupilos da benemérita.

No ano de 1994, o seminário comportava 38 jovens seminaristas e o reitor era o monsenhor Dom Jaime Viera, hoje arcebispo de Natal. Foi nesse ano que Zulmar conheceu Maria Augusta, mãe de Charles Dickson Macena. Ela apresentou o filho à elegante senhora, que desde então se prontificou a ajudá-lo.

“Foi uma grande amiga, me ajudou muito. Era interessante como aquela senhora chique e elegante era simples no tratar com as pessoas. Quando fui morar em Roma, em 1998, ela me presenteou com um enxoval completo, da roupa aos lençóis de cama. Sempre nos falávamos



A dama desfilou para arrecadar fundos para instituições



Ao lado de um grupo de senhoras, criou a Liga Norte-Riograndense Contra o Câncer

por telefone. Voltei em 2002 e ela já estava doente e reclusa, mas nunca deixei de ter contato”, lembrou padre Charles.

O famoso encontro de casais, que muitas Igrejas promovem na cidade, foi ideia do casal Santos em Natal, após participaram de um encontro em Recife, a aplicaram na Pastoral da Igreja Santa Terezinha. Foi um sucesso e o formato foi se proliferando por outras igrejas.

Algumas capelas da capital potiguar tiveram bancos de madeira doados pelo casal. Um exemplo são alguns móveis do colégio Nossa Senhora Maria Auxiliadora. Também da capelinha da praia de Ponta Negra, à época uma pequena vila de pescadores, onde algumas famílias abonadas tinham

casa de veraneio na orla. Quando se fala em veraneio, Auxiliadora Santos, filha de Zulmar, relembra: “quando era dezembro, época de nossas férias, chegávamos na praia e tínhamos a missão com mamãe de embalar os presentes do Natal da vila de pescadores de Ponta Negra. Ela fazia todos anos a festa natalina da comunidade”.

Certa vez, conversando com as lavadeiras de Ponta Negra, queria saber onde elas lavavam as roupas. As trabalhadoras disseram que era num riacho na distante praia de Pirangi. Zulmar pediu para acompanhá-las em sua jornada. Madrugou de Ponta Negra até o sol raiar no riacho para ver e sentir de perto, a vida daquelas mulheres.

A dama tinha pavor ao ócio

e se engajou em várias atividades filantrópicas na cidade. Realizou bingos, chás beneficentes, desfiles, tudo em prol de instituições carentes. Ao lado da amiga, a médica Maria Alice Fernandes contribuiu com um grupo de senhoras que criou a Liga Norte-Riograndense Contra o Câncer. O lema era “ajude-nos a ajudar”. Participou de simpósios e congressos, usou do seu prestígio entre os políticos do estado para arrecadar fundos para a instituição. Todos os seus eventos tinham uma finalidade filantrópica.

Outra característica marcante de Zulmar era o calor humano que levava às pessoas. Todos os domingos, após a missa matinal, ia visitar as amigas doentes Gipse Montenegro, Terezinha Melo e outras.



Mulher moderna para sua época

Mente Aberta

Apesar de ter nascido na década de 1920 do século passado, Zulmar Santos tinha uma mentalidade completamente contemporânea. Era vanguardista em pensamentos e valores, não fazia juízo ou condenava ninguém, tudo era encarado com naturalidade. Algumas moças da sociedade engravidavam antes do

casamento e, para as famílias, o ato era uma tragédia moral. Mas a protagonista desta história muitas vezes foi em defesa das jovens e acalmava as famílias. “Não é para ter escândalos, nem choro e sim celebrar uma vida que está por vir”, dizia. Também respeitava todas as orientações sexuais sem discriminação.

Filho do Coração

Gratidão é uma das palavras mais bonitas da língua portuguesa. É esse sentimento que o funcionário público Paulo Vitor dos Santos tem pelo casal Santos. Em 1973, Zulmar ajudava o Oratório Dom Bosco nas aulas de catequese que o colégio Salesiano São José oferecia a jovens carentes. Em uma oportunidade, durante a Missa das Mães, uma senhora humilde por nome de Paula se apresentou a Zulmar, contou a sua história e pediu ajuda para custear a vida escolar de um dos seus nove filhos. Ao conhecer Paulo Vitor, então com 12 anos, passou a financiar seus estudos e o curso de inglês, pois acreditava que o garoto tinha potencial.

Com o tempo, o jovem passou a frequentar a residência da família, de quem passou a merecer total confiança. A mulher de vanguarda foi a madrinha de formatura de Paulo no



O casal foi padrinho do casamento de Paulo Vitor e Telma

curso de Educação Física e, ao lado do esposo, também apadrinhou o casamento do rapaz. “Dona Zulmar fazia a felicidade do próximo, era a razão maior da sua vida e da sua pró-

pria felicidade”, lembrou Paulo Vitor dos Santos, que é companhia certa de Geraldo em todos os almoços de domingo, com os olhos marejados de emoção.



Retratada pelo pintor carioca Luís Duprat



A Colunável

O casal era cativo nas crônicas sociais do estado. Ele pelo empreendedorismo nos negócios e, ela, pelo porte elegante de grande dama, que pertencia ao seletto grupo de pessoas que já nasciam com a fidalguia nata. Foi retratada pelo pintor carioca Luís Duprat, em sua passagem por Natal na década de 60. De

guarda-roupa impecável e joias de rainha (seu esposo tinha prazer em comprar peças grandes e exclusivas), ela chamava atenção em qualquer festa que fosse. Figurou por muito tempo na lista das “10 + elegantes” do colunista Jota Epifânio. Era presença certa na festa das personalidades do colunista Paulo Macedo. Em

sua casa de praia em Ponta Negra promoveu muitas festas e recepções. Recebeu artistas, como a já miss Brasil Adalgisa Colombo e o casal de atores Eva Wilma e Carlos Zara, quando faziam a primeira versão da novela *Mulheres de Areia*. De alma viva, Zulmar gostava de festas, de gente, risos e boas energias.





O casal foi morar no RJ no início da década de 1980 e retornou a Natal em 1998

Novos Ares

Em outubro de 1979, a filha Maria de Fátima faleceu. Nasceu doente, durante 26 anos foi enferma em cama, sempre aos cuidados da mãe e de enfermeiros. Depois da perda da filha, o casal decidiu fixar moradia no Rio de Janeiro, mudança que era comum para a elite potiguar. O casal passou a morar num apartamento no Leblon, zona sul carioca. Ela não mudou seus hábitos na cidade maravilhosa e seu tempo continuava todo preenchi-

do. No Rio havia uma colônia natalense muito grande, todos conhecidos dos Santos, o que a fez agregar muitos amigos novos, mas não deixou de se engajar em atividades caritativas. Ajudou na famosa Feira da Providência, criada pelo arcebispo Dom Helder Câmara, onde cada estado tinha uma barraca, para levantar fundos para instituições.

O casal passava temporadas de seis a oito meses no Rio. Zulmar tinha brilho intenso, gostava

de comemorar seu aniversário, fazia uma festa com a turma carioca e outra quando chegava em Natal. Foram 18 anos intenso na capital fluminense e retornaram no ano de 1998 ao RN. “Mamãe quando chegava em Natal, não parava, sua agenda era intensa. Além dos compromissos que tinha com as instituições que ajudava, havia também os lanches e recepções que as amigas ofereciam a ela”, contou Cristina Santos.

Provações

Nem tudo foram flores e glamour na vida de Zulmar. No dia 26 de dezembro de 1993, o neto Antônio Thiago (filho de Maria Lúcia) faleceu vítima de um acidente de carro. Foi um desespero geral na família Santos, quando a matriarca se agarrou em sua fé inabalável e pediu forças e resignação a Deus. Em 30 de julho de 2000, o destino pregou outra peça na família e Bruno (filho de José) morreu também em decorrência de um acidente de carro. A segunda perda acelerou a doença da matriarca, que dois anos antes tinha descoberto a síndrome de Churg-Strauss, conhecida como vasculite, doença rara, que acomete os vasos sanguíneos, causando asma e outras sequelas.

Por ordem médica, a senhora foi passar uma temporada num lugar que tivesse muito ar puro e de-



Zulmar foi uma mulher de fé e coragem

veria evitar aglomeração de gente. O casal se muda para uma granja em Pium, onde a rotina mudou completamente. Acostumada com uma agenda intensa de compromissos, teve que viver reclusa por conta dos efeitos da doença. Tinha apenas a convivência da família e de algumas amigas que iam visitar.

Foram sete anos de luta, muitas idas a São Paulo para tratamento e estudos dessa síndrome

rara. Mas Zulmar nunca fraquejou, foi uma mulher forte em todos os momentos da vida. Mesmo sentindo dores fortes, continuava a sorrir e agradecer pela vida. No dia 6 de novembro de 2005, descansou uma das últimas grandes damas do estado, deixando órfã sua família, o companheiro Geraldo - união sólida de mais seis décadas-, amigos e uma legião de admiradores e afilhados que ela ajudou.



A família: Geraldo Junior, José, Marcos, o casal, Maria Lúcia, Maria Cristina e Maria Auxiliadora

Sementes

Muita coisa que Zulmar fez sem holofotes foi descoberta depois de sua morte. A família conheceu gente, que nunca tinha ouvido falar, a qual ela ajudou. As marcas foram inúmeras, em diversas instituições filantrópicas, mas principalmente na família Santos. Os valores, princípios e o amor ao próximo são as sementes deixadas por essa mulher de fé e coragem que saiu de sua zona de conforto para servir.



História enterrada

Sargento Thomas Browning faleceu em Natal durante a Segunda Guerra e foi o único soldado americano deixado pelos compatriotas em solo potiguar. Sua vida e morte são envoltas a mistério e curiosidade

Por Marina Gadelha

DAS HERANÇAS DEIXADAS PELA Segunda Guerra Mundial (1939-1945) na capital potiguar, uma está morta e enterrada no cemitério do bairro do Alecrim, identificada apenas por uma lápide tími-da e abandonada em meio a tantas outras. O túmulo abriga os restos mortais do sargento Thomas N. Browning (1921-1943), único soldado norte-americano que permaneceu enterrado no Rio Grande do Norte após o fim do conflito com os alemães. Não se tem certeza até hoje da causa de sua morte precoce, aos 22 anos de idade, como também não se sabe o motivo de sua família ter preferido deixar o corpo do soldado em solo brasileiro. Muitos são os mistérios e poucas são as informações desse homem que participou de um momento histórico em Natal.

Natural de Cincinnati (Ohio), nos Estados Unidos, Browning era meteorologista da Força Aérea Americana e veio trabalhar no Brasil durante a Segunda Guerra. Lotado em Natal junto ao 22 Expeditionary Weather Squadron, o militar e sua equipe transportavam pelos aviões “tudo o que fosse necessário para abastecer as tropas americanas em combate”, explica o historiador Rostand Medeiros em artigo sobre o personagem. Nesse mesmo texto, encontramos transcrições de matéria escrita pelo jornalista e advogado macaibense Edmilson Varela, publicada no impresso carioca “Diário da Noite” do dia 31 de maio de 1945, que entre outros assuntos aborda a morte de Thomas Browning.



Túmulo do sargento Thomas N. Browning está no Cemitério do Alecrim



Rostand Medeiros, historiador

De posse do periódico, conseguimos informações preciosas por meio da narrativa do repórter que conheceu o soldado em 1943 e até ensinou português ao aplicado

aluno, cuja vontade de aprender a língua era tão grande que, em algumas ocasiões, comparecia às aulas após 12 horas de serviço noturno. Segundo o amigo, “Tom” adorava o Brasil, o seu clima, e dizia que viveria eternamente aqui. “O Tom tinha alma de poeta e detestava a guerra. Ansiava pelo seu fim e falava de vez em quando na irmãzinha que ficara em Cincinnati”, compartilha Edmilson, que após seis dias sem notícias do americano, foi procurá-lo em “Parnamirim Field”. Para sua surpresa, Thomas havia morrido. “No cemitério do Alecrim aumentou mais uma cruz”, finalizou o jornalista.

Do artigo de Rostand ainda tiramos o depoimento do professor Protásio Pinheiro de Melo, outro potiguar que ensinou português a Browning e citou seu nome no livro “Contribuição norte-americana à vida natalense”. Nesta obra, o autor afirma ter providenciado o túmulo no cemitério do Alecrim, a pedido da família do sargento. A causa da morte não foi revelada, mas, de acordo com o pesquisador Lenine Pinto, estaria ligada a uma doença infecciosa de origem venérea. “No túmulo de Browning, doado à família pelo prefeito Silvio Pedroza, existem duas lápides, uma delas enviada pelo Governo dos Estados Unidos”, cita o historiador, que critica o estado de abandono em que se encontra o jazigo e sugere a transferência dos restos mortais para o pátio da Rampa – antiga estação de passageiros e transporte de correspondências, que durante a Segunda Guerra se tornou a primeira base a operar missões na América do Sul.



Matéria do Diário Carioca mostra fotos da encomendação dos corpos americanos(esquerda) e primeiros túmulos dos soldados no cemitério do Alecrim (direita).jpg



Glory Operation

Durante a guerra, centenas de cemitérios temporários foram criados para sepultar os americanos mortos em batalha. Com o fim do conflito, uma grande operação foi organizada para transportar todos os corpos de volta aos Estados Unidos, trabalho realizado entre 1945 e 1961. A Glory Operation – chamada pelos brasileiros de “operação papa-defunto” – chegou a Natal em 10 de abril de 1947, na missão de levar à terra de Tio Sam os 146 estrangeiros enterrados no cemitério do Alecrim. No total, foram levados 214 caixões dos que morreram na capital potiguar ou nas cidades próximas.

“Muitos morreram no mar, na luta anti-submarino, ou vítimas de torpedeamentos. Alguns haviam falecido e foram enterrados em Maceió, Aracaju e até em Petrolina [interior de Pernambuco], sendo transportados pela FAB para a Glory Operation”, informa Lenine Pinto no livro “Natal, USA – II Guerra Mundial: A participação do Brasil no Teatro de Operações do Atlântico Sul”. Em outros lugares do mundo, alguns soldados permaneceram enterrados perto dos campos de batalha onde haviam morrido, a pedido dos próprios familiares, e no Rio Grande do Norte apenas o corpo



Lenine Pinto, historiador

de Thomas Browning foi deixado para trás “como símbolo, perene, da presença dos norte-americanos em Natal”, ressalta Lenine.

Amor natalense

Diante dos mistérios da estadia de Browning em Natal, havia a especulação de que o jovem sargento teria uma noiva potiguar. Depois de muitos anos sem a confirmação de quem seria a moça, o saudoso jornalista Ticiano Duarte descobriu sua identidade: Inês Dubeux Dantas, pertencente a uma família em que três irmãs casaram com americanos. Segundo Lenine Pinto, duas delas foram morar nos Estados Unidos – Idália e Maria de Lourdes. A terceira, Iracy, não foi levada pelo marido, mas com ajuda das irmãs foi ao encontro

Foto de 1941 das irmãs Dubeux Dantas - Gracinha, Idália, Maria de Lourdes, Iracy, Iracema, Ritinha e Inês



do marinheiro, de nome Young, e o encontrou com outra esposa e cheio de filhos.

“Todavia, acudida por um dos cunhados, foi representar contra o bígamo diretamente ao Almirante Knox, secretário da Marinha,

que lhe concedeu uma pensão vitalícia em dólares”, revela Lenine Pinto. Com o dinheiro em mãos, Iracy viveu no Rio de Janeiro em companhia da irmã Inês. Esta, depois de perder o noivo, nunca mais quis saber de casamento.

Todos os tons de Azul

A trajetória do potiguar que vem conquistando o Brasil a partir de São Paulo com uma produção artística singular e de inspiração genuinamente nordestina

Por Paulo Araújo

Fotos: Giovana Hacradt e Sueli Nomizo



ERA UM FINAL DE manhã ensolarada de dezembro e o calor que fazia nos jardins do Solar Bela Vista – um dos mais belos e conservados palacetes do Centro Histórico de Natal, reaberto ao público depois de uma longa reforma em 5 de novembro, exatamente com a exposição “Azol Entre Virgulinos” – só podia ser aplacado num único refúgio: debaixo da copa frondosa de uma mangueira quase centenária, que enfeita o verde bem cuidado do local e acolhe os visitantes com sua sombra generosa.

Foi ali, por entre o farfalhar dos galhos e das folhas da árvore agitados pelo vento, o canto incessante dos pássaros e a agitação natural da cidade naquela hora do dia, que o artista plástico potiguar Sérgio Azevedo de Oliveira, 51 anos, um dos novos nomes do circuito das artes plásticas paulistanas, com ateliê no charmoso bairro do Pacaembu, conversou por cerca de uma hora com a equipe da Bzzz.

Resolvemos aplicar uma espécie de “Questionário de Proust” em Azol. Das lembranças desse diretor de cinema e artes gráficas, formado pela Universidade de Miami, que começou a rabiscar seus primeiros traços nos corredores do Colégio Salesiano São José, que já expôs em galerias de Nova Iorque e Paris e escolheu a cidade onde nasceu para apresentar sua primeira mostra individual, resultaram algumas certezas: Natal deu-lhe régua e compasso com muitas cores e tons, Lampião foi seu padrinho de batismo nessa prova de fogo que é se revelar para os contrerrâneos e, como diz aquela velha máxima dos caminhantes, “ninguém se perde no caminho da volta”.



Lembranças da infância: a família e a escola na qual estudou, o Salesiano São José



Tirinhas, gosto de manga e o lustre gigante

“Eu estudei no Colégio Salesiano São José e quando cursava a sexta série já fazia muitos desenhos no meu caderno para espantar o tédio de algumas aulas. Eram caricaturas dos colegas, que depois eu transformava em tirinhas e distribuía nos corredores na hora do intervalo. Fazia um sucesso tremendo as tirinhas. Natal era uma cidade tranquila. Minha família morava numa casa muito bonita na Avenida Hermes da Fonseca (no local onde hoje funciona o Hotel Arituba), não havia nem o quartel do Exército do outro lado da rua, e eu lembro que o meus pais

tinham muito bom gosto para decorar a casa. Um lustre que deve existir por lá até hoje era uma das coisas mais fascinantes e, no meu olhar de criança, ele era gigante. Carrego até hoje na minha memória afetiva os cheiros daquela época. Também a lembrança de poder chupar uma manga e deixar o sumo escorrer pelo braço, ficar com os dentes amarelos e cheios de fiapos. A luz espetacular de Natal é algo que sempre me acompanhou, na memória, e influenciou a minha paleta de cores. Basta olhar para os meus quadros e ela está lá, em todos”.

“

A luz espetacular de Natal é algo que sempre me acompanhou, na memória, e influenciou a minha paleta de cores. Basta olhar para os meus quadros e ela está lá, em todos.”

O nômade e a provocação plástica

“Meu primeiro caminho profissional foi a direção de fotografia, algo com que trabalhei por muitos anos e da qual me orgulho muito. Tive uma produtora com um sócio na Avenida Rio Branco e fizemos coisas memoráveis em publicidade aqui em Natal. Depois a vida foi tomando outros rumos. Vendi a produtora e me mudei para São Paulo. Já me “mudei” para São Paulo três vezes: na década de 1970, nos anos 1980 e, finalmente, em 1997. Entre chegadas e partidas, também mori no Sul do Brasil e nos Estados

Unidos. Então acho que essa coisa de não pertencer a nenhum lugar foi um detalhe importante, como descobri na terapia, para começar a pintar, pois pintando a gente vai em busca de sensações muito próprias, como um autoconhecimento, e o resultado que nós entregamos ao público é o que eu chamo de “provocação plástica”. Ou seja, o confronto daquilo que sinto com o que o espectador vai ver. Esses dias entreguei um conjunto de 26 telas para uma cliente e a reação imediata dela foi começar a chorar.”

“

Pintando a gente vai em busca de sensações muito próprias, como um autoconhecimento, e o resultado que nós entregamos ao público é o que eu chamo de provocação plástica.”



Ao lado de um sócio, Azol teve um produtora de vídeos em Natal

Rotina do artista no ateliê

“O meu ateliê fica no bairro do Pacaembu, próximo ao estádio e ao cemitério do Araçá, um local arborizado, tranquilo e onde eu chego a passar até 12 horas por dia trabalhando. Ali eu brinco que costumo exorcizar os meus demônios, porque pintar é isso. Me perco em pen-

samentos, não vejo a hora passar, não sinto fome nem sede. Ao final, estou esgotado, pois é um desprendimento de energia muito grande. Só gosto de pintar na parte da tarde. Utilizo as manhãs para fazer ginástica, pilates, resolver as coisas da rotina de qualquer pai de família.”



O estilo de vida outsider do famoso cangaceiro sempre fascinou o artista

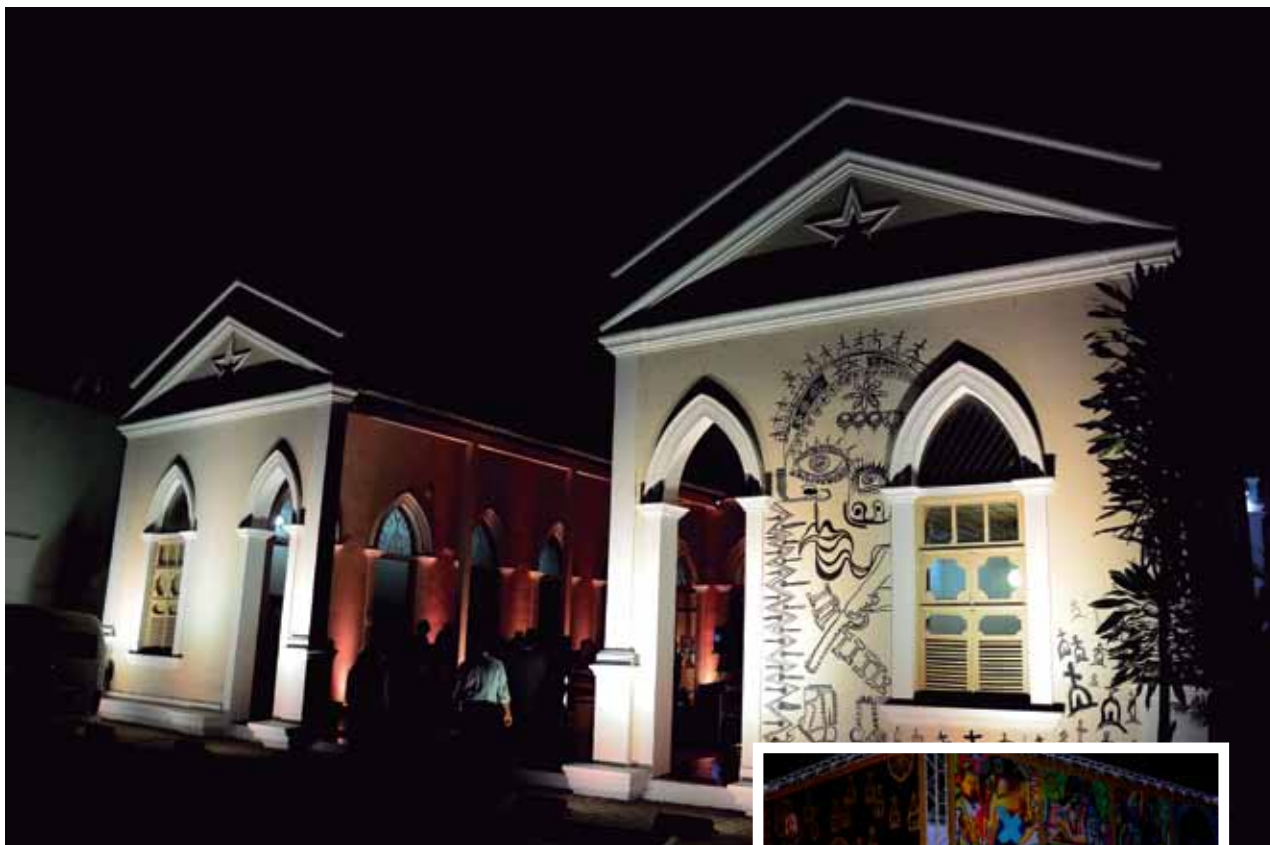


A estética do cangaço e a identidade nordestina

“O estilo de vida “outsider” de Virgulino Ferreira sempre me fascinou, talvez por essa coisa de eu ser de tantos lugares e de nenhum ao mesmo tempo. A terapia me ajudou muito a chegar a essa figura, que é para mim um gigante mitológico. Lampião, é bom lembrar, morava debaixo de um chapéu. Tudo o que ele possuía de valor carregava na própria roupa: remédios, comida, santinhos, o perfume francês... Em Lampião, e

no legado estético sofisticadíssimo do cangaço que ele nos deixou, encontrei inspiração para desenvolver esses trabalhos que trouxe aqui para Natal. Os estudos do pesquisador Frederico Pernambucano de Melo sobre a estética do cangaço são minha grande fonte. Lampião, além de matador, era um estilista, um homem muito sensível à arte. Esse paradoxo me encanta muito. Até aí, eu só via o cangaço como algo ligado a crimes, tristeza, mor-

te, mas tem também esse outro lado do belo, das roupas, dos chapéus, os detalhes dos armamentos, toda a estética que Lampião criou para o seu bando e que depois foi copiado até pela polícia que o matou, veja só! Essa estética, que eu reproduzo nos meus trabalhos, foi a primeira a estabelecer uma linguagem para o Nordeste. A gente pega qualquer ícone ligado ao cangaço, qualquer detalhe de roupa e diz logo: ‘Isso é nordestino!’”



A “ocupação” do solar bela vista

“Estar em Natal durante trinta dias, com essa exposição, foi muito importante por diversas razões. A principal é que foi a minha primeira ‘individual’ e dá mesmo um frio na barriga. Mas o carinho das pessoas, dos amigos, especialmente de Dodora Guedes (Diretora do Solar Bela Vista) e de Ângela Almeida (curadora da mostra), foi como ganhar na Mega Sena. Esse trabalho de pesquisa e produção dessas 40 obras inspiradas em

Lampião durou cerca de três anos. Muita gente pode ter pensado assim: ‘mas você poderia ter feito no saguão do Teatro Riachuelo’ (Azol é sobrinho de Nevaldo Rocha, fundador do Grupo Guararapes, proprietário do teatro instalado no Midway Mall)”. Mas eu queria algo mais ligado às artes aqui pelo centro da cidade, local onde eu estudei, trabalhei... Enfim, o fato da minha exposição também marcar a reabertura do Solar foi muito mar-

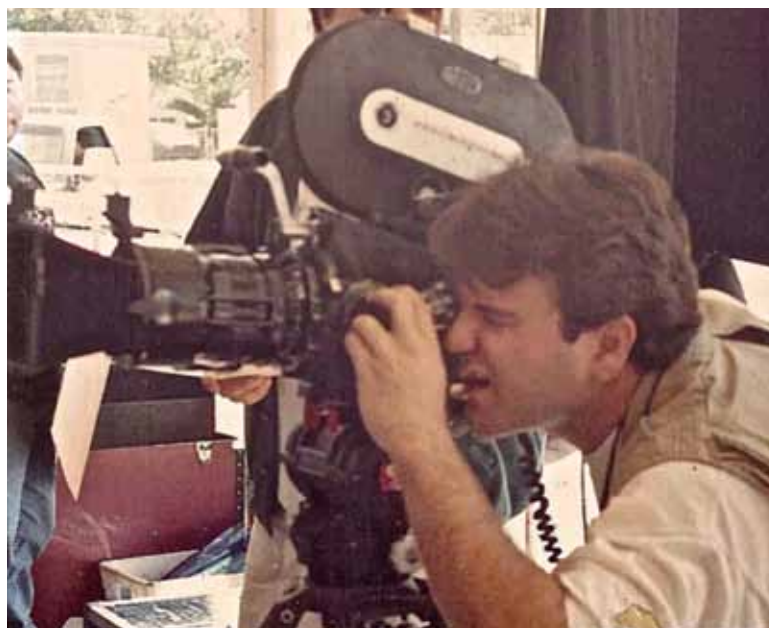
cante para mim, como artista. E eu pude ‘ocupá-lo’ inteiro, literalmente. O lambe-lambe que colocamos no portão da Avenida Câmara Cascudo no dia da abertura, os banners pregados na fachada, a projeção do vídeo bilíngue sobre a minha trajetória, as telas e esculturas espalhadas por diversas salas, as ilustrações que fiz nas paredes e finalmente o mural, aqui no jardim, que eu terminei de pintar na noite da abertura. Foi, de fato, uma “ocupação”.

Próximo projeto: um museu de sensações

“Eu quero pegar essa experiência no Solar Bela Vista como ponto de partida para o meu próximo projeto, que está sendo desenvolvido com a ajuda de diversas pessoas importantes no cenário das artes plásticas de São Paulo. Eu quero criar uma espécie de laboratório de sensações humanas por meio das artes. Exatamente aquilo que falamos no começo, quando uma pessoa fica de frente à obra de um artista e é submetida a uma provocação visual. Será um pavilhão imenso onde será possível interagir com instalações, vídeos, esculturas, arte eletrônica, enfim, tudo que provoque ‘reações’ nas pessoas. Vamos atrás das leis de incentivo fiscais existentes no Brasil para reproduzir, em grande escala, tudo de maravilhoso que aconteceu aqui nesses 30 dias, tanto na noite de abertura quanto nos vários encontros que tive com grupos tão especiais de visitantes.”



Escultura presente na
exposição em Natal



O olhar do artista para os filmes de terror

“Sou formado em cinema e em artes gráficas, dois cursos que me aproximaram muito, de forma acadêmica, das artes plásticas. Boa parte desses 51 anos foram focados no fazer e consumir cinema. Ao mesmo tempo em que tinha uma produtora de vídeo, assistia a muitos filmes. O olhar de diretor de fotografia, esse de enquadrar, achar a posição perfeita para as pessoas e objetos em cena, a luz, eu fui transferin-

do para as minhas telas. Passei muito tempo viciado em filmes de terror (risos) e essa estética do grotesco também está muito presente na minha obra. Quando eu morei nos Estados Unidos adorava levar minha namorada (hoje esposa) ao cinema para a sessão de meia-noite. Aquela sala vazia, o escuro, só nós dois, era como se fosse simulacro do terror que víamos passar na tela. Ela morria de medo, mas eu adorava!”



Zé do Caixão em Natal, “morto” na Praça das Flores

“Sou fã de Bella Lugosi, de todos os expressionistas alemães, de Tim Burton (que será tema de uma grande exposição no Museu da Imagem e do Som, em São Paulo, em fevereiro de 2016) e, claro, do nosso querido Zé do Caixão. Tive a honra de ciceroneá-lo em Natal, em 1995, quando foi organizado um evento para marcar os 100 anos do cinema e ele veio. Filmei toda a passagem dele pela cidade, desde a descida da

escada do avião da Transbrasil, no velho aeroporto Augusto Severo, muito antes da reforma, até uma performance memorável que ele fez no restaurante Raro Sabor, que ficava na Praça das Flores. Chegaram lá com um caixão de defunto, ele entrou, o público foi ao delírio. Não esqueço nunca a direção de arte que usaram no box lançado nos Estados Unidos, onde ele é chamado de Coff Joe, com todos os filmes dele.”



Obras de Pablo Picasso



Picasso, chagall, pollock e lampião

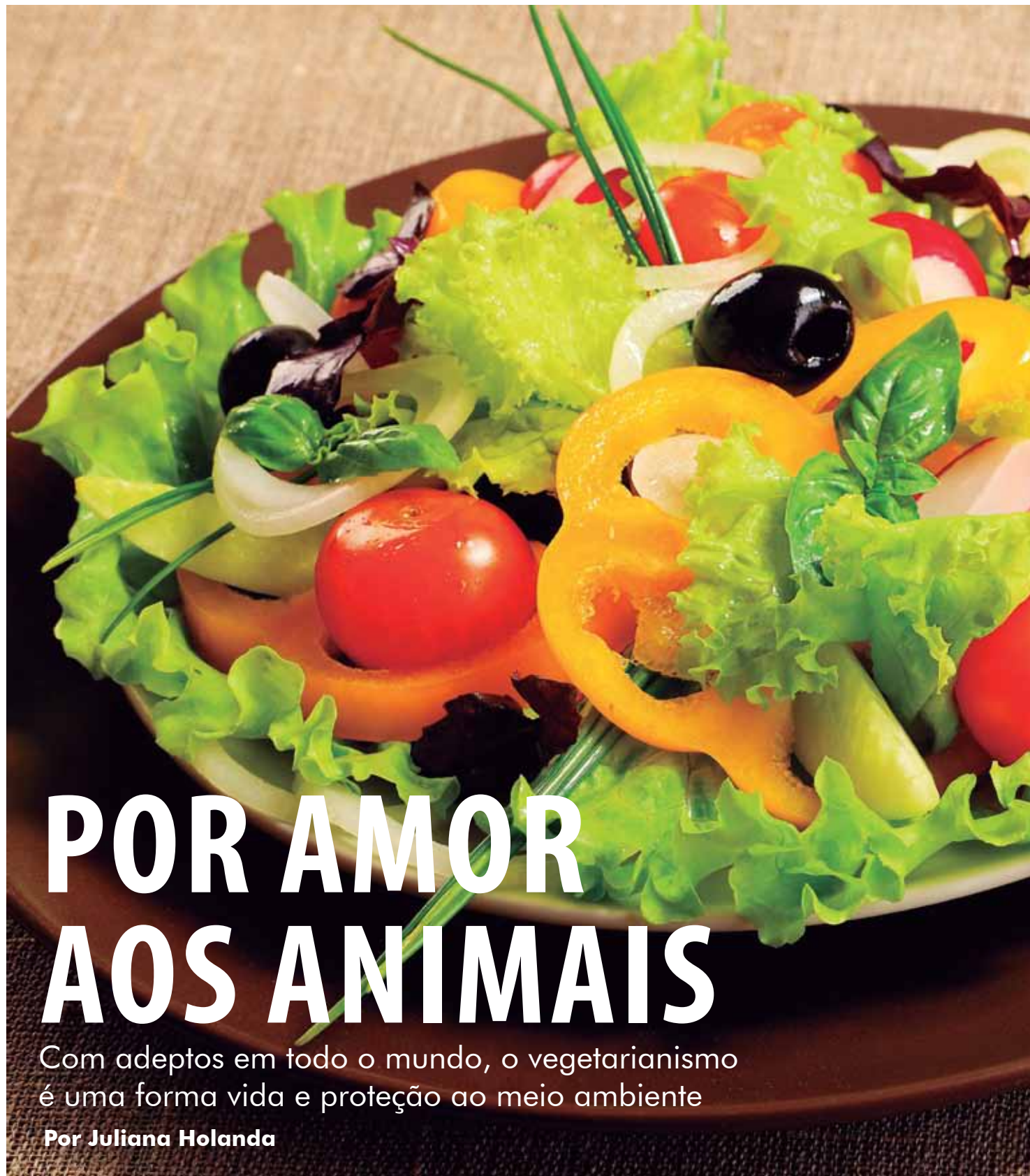
“Fui juntando o traço pesado que eu já tinha das artes gráficas com a estética do terror e deusso. O pai de todo esse movimento, claro, foi o grande pintor espanhol Pablo Picasso, de quem sou fã incondicional. Picasso me atrai porque tudo o que ele pintou também é grotesco. Depois, o francês Marc Chagall, com suas composições, os elementos da infância, juventude e rurais, o ambiente onde ele morou também me atraíu muito. A primeira fase do Pollock, aquela dos pingos, foi outra paixão. E por fim, esse sujeito chamado Virgulino Ferreira, de quem já falamos. Eis aí todos os tons de Azol”

Viagem ao sertão

“Vou programar uma viagem a Mossoro para mergulhar naquele universo de reverência ao cangaço que a cidade tem, tendo mesmo Lampião como um herói. Sempre ouvi falar disso em casa, até porque o meu pai era de Mossoró. Vou traçar um roteiro com alguns amigos de lá e ‘entrar para o sertão’, nos lugares por onde Lampião passou e deixou lembranças marcantes até hoje. Esse vai ser outro projeto que quero realizar como artista, em breve”.



Memorial de Lampião, em Mossoró (RN)



POR AMOR AOS ANIMAIS

Com adeptos em todo o mundo, o vegetarianismo é uma forma vida e proteção ao meio ambiente

Por Juliana Holanda



O BRASIL MATA UM boi, um porco e 180 frangos por segundo, de acordo com pesquisa divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2015. Para algumas pessoas, o sofrimento e a morte desses animais incomoda a ponto de levá-las a adotar o vegetarianismo como estilo de vida.

Não se sabe ao certo quando a dieta vegetariana surgiu, mas há registros do termo vegetarianismo em um dicionário de Oxford de 1840. Já em 1847, foi formada, no Reino Unido, a primeira Sociedade Vegetariana que se tem notícia no mundo, com o objetivo de promover o estilo de vida.

De lá para cá, o tema se diversificou e ganhou adeptos. Segundo a última pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope), 15,2 milhões de brasileiros se declaram vegetarianos. Um deles é a estudante Ana Clímaco, que se tornou vegetariana há poucos meses. “Sempre gostei de comer carne, mas comecei a me questionar sobre esse costume e vi que estava fazendo algo que ia contra os meus princípios”, contou.

De acordo com a Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB), Ana é considerada ovolactovegetariana: consome vegetais, ovos e leite. Esse é um dos quatro tipos de vegetarianismo considerados pela SVB uma opção alimentar ética, saudável e sustentável. Há ainda os lactovegetarianos, que não comem carne nem ovo; os ovovegetarianos, que não se alimentam de carnes nem produtos lácteos; e os vegetarianos estritos que excluem todos os produtos de origem animal.

Ana explica que a transição para o vegetarianismo foi tranquila. “Sempre penso no sofrimento pelo qual os animais passaram e sinto muita pena. Não tenho vontade de comer carne e não sinto falta”, diz. A estudante conta que, ao parar de comer o alimento, melhorou de uma constipação intestinal que a afligia há mais de quinze anos. “Me sinto mais saudável, disposta e integrada ao meio ambiente. Estou muito feliz com minha decisão. O próximo passo é procurar um nutricionista para me orientar melhor”, explicou, ao garantir que não voltará a comer carne.

Segundo a nutricionista potiguar Amanda Nascimento, as



Amanda Nascimento, nutricionista

dietas vegetarianas bem planejadas são saudáveis. “Basta que sejam adequadas nutricionalmente, podendo ser apropriadas em todas as fases da vida, enfatizando a necessidade de informação ade-

quada por meio de um profissional nutricionista”.

Amanda Nascimento alerta que o principal cuidado ao adotar a dieta vegetariana está no manejo de certas vitaminas e minerais, especialmente aquelas encontradas em maior abundância em alimentos de origem animal, como por exemplo, a vitamina B12, ferro e o cálcio. “Outro ponto a ser observado é o baixo valor biológico das proteínas vegetais quando comparadas à proteína animal. O valor biológico está diretamente relacionado ao número de aminoácidos essenciais presente. Quanto maior o valor biológico, maior a quantidade de proteína absorvida e melhor digestibilidade essa proteína terá”, afirmou.





O setor de produção animal é um dos maiores responsáveis pelos problemas ambientais, segundo a ONU

Meio Ambiente

A dieta vegetariana tem sido defendida por organizações que preservam o meio ambiente. De acordo com a entidade dos Estados Unidos Natural Resources Defense Council, a produção de um quilo de carne gasta em média sete mil e quinhentos litros de água, o que equivale a quarenta vezes o necessário para produzir um quilo de batatas, por exemplo.

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU),

o setor de produção animal é um dos maiores responsáveis pelos problemas ambientais que o planeta está passando. Poluição da água, degradação ambiental, desmatamento e altas taxas de emissão de gases do efeito estufa são alguns dos danos causados pela pecuária. Ainda segundo a ONU, a pecuária é responsável pela maior parte do desmatamento da Amazônia: 70% da terra desmatada na floresta é usada como pasto

e grande parte do percentual restante é utilizada para produzir ração para o gado.

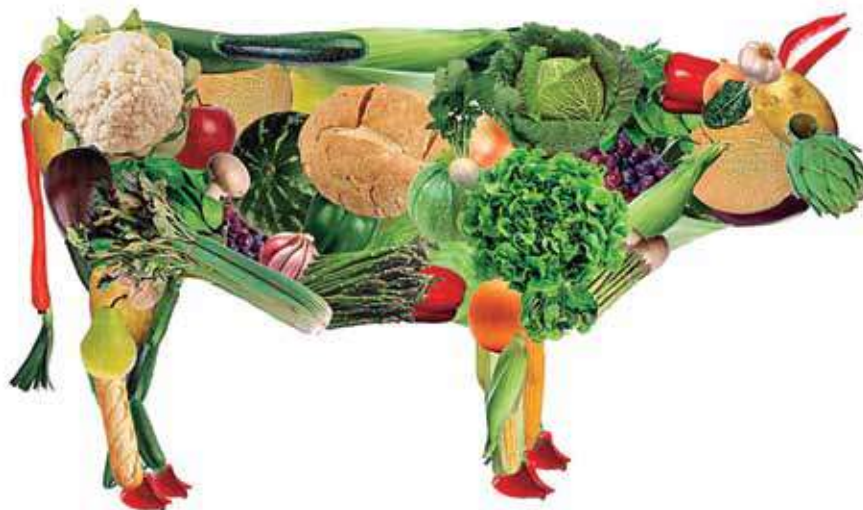
Para o biólogo e ambientalista Marcos Patriota, reduzir o consumo de carne é o primeiro passo para ter um meio ambiente mais saudável. “Mudar a dieta é uma forma simples de ajudar o planeta. Um dia por semana sem carne já faz muita diferença. Não é difícil. É apenas uma simples mudança de hábito”, avalia.

Segunda Sem Carne

Em 2009, foi lançada no Brasil a campanha Segunda Sem Carne, com a proposta de “conscientizar as pessoas sobre os impactos que o uso de carne para alimentação tem sobre o meio ambiente, a saúde humana e os animais, convidando-as a tirar a carne do prato pelo menos uma vez por semana e a descobrir novos sabores”, segundo a página da ação.

Presente em 35 países, a iniciativa é defendida pelo ex-Beatle Sir Paul McCartney, que se tornou vegetariano nos anos 70 durante uma pescaria. “Há muitos anos, estava pescando e, enquanto puxava um pobre peixe, entendi: eu o estou matando, pelo simples prazer que isso me dá. Alguma coisa fez um clique dentro de mim. Entendi, enquanto olhava o peixe se debater para respirar, que a vida dele era tão importante para ele quanto a minha é para mim”, declarou em uma entrevista.

Há dois anos, a zootecnista Áurea Bezerra aderiu à campanha. Moradora da cidade de Arcoverde, no agreste pernambucano, ela conta que sempre consumiu muita carne vermelha, mas após alguns problemas de saúde decidiu mudar os hábitos alimentares. Nessa época, ficou sabendo da campanha e passou



a cortar a proteína animal nas segundas-feiras. “É uma boa forma de compensar os excessos dos finais de semana e cuidar da saúde. Além disso, apenas um dia por semana, não dá para sentir falta”, afirmou.

A Sociedade Vegetariana Brasileira apoia a Segunda Sem Carne, pois acredita que a campanha é uma boa forma para que as pessoas conheçam mais sobre a dieta e comecem a mudar a alimentação. “Ser vegetariano é mais fácil do que parece. Se você nunca considerou a possibilidade e não consegue pensar em aderir, comece com a Segunda Sem Carne. Mas tenha certeza de que não é tão difícil quanto parece, é surpreendentemente delicioso, aumenta (em vez de diminuir) o seu repertório de pratos, culinárias e alimentos e, mais importante ain-

da, é o melhor que você pode fazer pela sua saúde, pelos animais, pelas pessoas e pelo meio ambiente”, defende o grupo em sua página na internet.



Áurea Bezerra aderiu à campanha

Meat Free Monday
It's a fun day
And it's happening
All around the world

Meat Free Monday
it's a fun day
And it's happening
All around the world

Meat Free Monday – Paul McCartney



O ex-Beatle lançou uma música para incentivar a campanha. Em versos que passam a mensagem de que a Segunda Sem Carne é um dia divertido, feliz em todo o mundo, pedindo que as pessoas pensem no futuro e em como o planeta será, o artista reafirma o estilo de vida que adotou. Para reforçar a ideia, Paul McCartney fez o clip da música com fotos sobre o tema, enviadas pelos fãs



Pecuária

O Brasil é o segundo maior produtor de carne bovina no mundo, ficando atrás apenas dos Estados Unidos. O país é responsável por 17% da produção mundial. De acordo com a

Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil, o rebanho brasileiro é estimado em mais de 210 milhões de cabeças, movimentando R\$ 167,5 bilhões por ano e gerando cerca de sete

milhões de empregos. O país ocupa a liderança no ranking mundial de exportação. Hong Kong, Rússia, Venezuela e Egito são os principais destinos da carne bovina brasileira.



Incômodo e *constrangimento*

Evitar crises de herpes não é uma tarefa difícil, mas um aminoácido presente em alimentos pode ajudar no controle do vírus presente no organismo de 90% da população mundial

Por Alice Lima

Fotos: Sueli Nomizo

ARDOR, COCEIRA E INCÔ-MODO constantes concentrados em um local. Os sinais conhecidos por muitos são decorrência do herpes. Até o momento, não foi encontrada a cura para o vírus, mas o medicamento Lisina, criado na década de 1970, tem proporcionado avanços significativos no tratamento. Em entrevista à RevistaBzzz, Walmar Roncalli, médico dermatologista e professor do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo (USP), explicou os sintomas, formas de contágio e o tratamento que tem apresentado melhores resultados no Brasil.

Há o herpes simplex tipo 1 (associado ao herpes labial) e o simplex tipo 2 (associado ao genital), com poucas diferenças entre eles. A principal está na composição da sequência do DNA do vírus. “Isso não impede que exista o tipo 2 na boca e o tipo 1 na região genital, já que há diversas formas de relação sexual, mas não são as maneiras predominantes”, explicou o médico.

No final de 2015, a Organização Mundial de Saúde (OMS) divulgou um alerta sobre os índices de herpes. Segundo os dados, dois terços da população têm a doença, com variações de acordo com o continente. A principal forma de contágio do herpes labial é por meio do contato com a saliva de alguém com o vírus. Pelo beijo, sexo oral, compartilhamento de batom, talheres, copos, entre



O médico e professor da USP explica os avanços no tratamento do herpes

outras possibilidades semelhantes. “De 90% a 95% da população mundial tem sorologia positiva para o herpes. Isso quer dizer que em algum momento da vida o indivíduo teve contato com o vírus. No entanto, 40% a 50% dessas pessoas têm crises de herpes labial, incômodo que vem e volta”, alertou também Roncalli.

A primeira manifestação, ou o primeiro surto de herpes, normalmente é mais severo. Ele pode causar febre baixa, calafrios e mal-estar, de maneira semelhante aos sintomas da gripe. A partir do quadro, o doente pode sentir ardor, coceira e incômodo constantes no local. Desenvolve uma mancha vermelha na pele e vesículas que, na sequência, rompem rapidamente e formam a crosta e a ferida. As infecções recorrentes são mais brandas. O paciente sente um incômodo leve, antes do início

do novo surto, durante algumas horas. Logo depois surge a bolsa com as vesículas.

Uma crise costuma durar entre seis e 14 dias, com variações. A recomendação, por ser uma infecção limitada, depende de cada caso. O maior impacto, segundo o médico, é para o próprio paciente que, além de sentir os efeitos da doença, também precisa enfrentar constrangimentos, por se tratar de algo visível que não pode ser coberto ou escondido.

O vírus infecta outras pessoas na fase inicial, quando está se replicando. Por isso, para ser realmente eficaz, o tratamento deve acontecer na fase que antecede o aparecimento da lesão. O doente deve ser afastado das atividades do dia a dia caso os sintomas estejam muito fortes - com o objetivo de resguardá-lo, não por apresentar risco a outros.

TRATAMENTO

Até o momento, nenhuma droga efetivamente destrói o vírus. Todas as formas de tratamento evitam que o vírus se replique, o que diminui a intensidade da crise. Existem medicamentos antigos e bastante conhecidos, como o Aciclovir, lançado em 1970. Após a sua criação, todas as drogas têm o mesmo mecanismo, mas podem ser um pouco mais elaboradas, proporcionar menores dosagens ou mais comodidade ao doente, mas todas derivam da base do Aciclovir.

Relançaram recentemente o medicamento chamado Lisina,



que vai se contrapor ao aminoácido que o vírus utiliza para se replicar, que é a arginina. Administrado da maneira adequada, o primeiro vai competir e bloquear o avanço do segundo e, assim, o herpes não vai se replicar no organismo. É uma droga interessante porque ela diminui a replicação do vírus.

“A Lisina foi lançada tam-

bém em 1970, mas como o Aciclovir foi uma grande promessa à época, a droga ficou por um tempo esquecida e agora está sendo revitalizada. Não é um agente antiviral, não provoca resistência, é um remédio barato e pode ser encontrado em alimentos”, esclareceu o pesquisador que concluiu mestrado e doutorado com pesquisas sobre vírus.



ALIMENTOS RICOS EM LISINA:

- Carnes
- Aves
- Peixe
- Ovo
- Leite e derivados



ALIMENTOS RICOS EM ARGININA:

- Chocolate
- Castanhas de caju
- Amendoim
- Sementes de um modo geral

Uma dieta balanceada e com o nível ideal de proteína contém de 5 a 8 gramas de lisina, mas 42% do aminoácido ingerido é perdido no processo digestivo. Por isso, uma opção é utilizá-la de maneira suplementar e, por não ser um agente antiviral, a utilização mais prolongada não vai provocar resistência viral.

Há os que ajudam e os que podem prejudicar. Existem alimentos que são ricos no aminoácido que o herpes utiliza para conseguir se replicar. A

má notícia: principalmente chocolate! “Antigamente falavam que chocolate provoca herpes, mas não havia uma explicação. A resposta é que ele é rico em arginina. Então se você tem uma baixa da imunidade, está estressado, ansioso, e ainda come um chocolate, está reunindo fatores que estimulam o surto de herpes”, alertou.

O vírus fica inativo, sob as fibras da pele. Quando há uma queda da imunidade, que pode ser causada por diversos fatores como febre,

tensão, ansiedade, gripe, período pré-menstrual, certos alimentos e, principalmente, excesso de sol, o vírus que está adormecido volta à pele e causa a lesão. Trata-se de uma infecção crônica, com surtos frequentes. O uso de medicamento então é indicado para aqueles pacientes que têm seis crises ou mais ao ano. O tratamento profilático é feito tanto com antivirais como com a lisina. Assim, pode ser realizado por um longo período. Protetor labial é também um



Protetor labial é um aliado na prevenção

aliado para que a crise de herpes labial não aconteça. Pelos sinais, o paciente muitas vezes sabe quando o surto se aproxima e o recomendável é que, a partir dos primeiros sintomas, o medicamento comece a ser usado.

Pesquisas

Walmar explica que o Brasil realiza pesquisas na área, sobretudo na USP e em universidade do Rio de Janeiro. “Alguns medicamentos estão sendo lançados fora do Brasil, mas pesquisas na área da saúde, duram dez, 20 anos. As coisas não acontecem rapidamente e os conhecimentos vão passando de geração para geração de pesquisadores. Em relação ao herpes, alguns medicamentos estão sendo usados em outros países. No HC utilizamos alguns deles, mas o que acontece é que não basta apenas ser eficaz contra o herpes. Às vezes, quanto mais forte e eficiente para barrar a doença, maiores são os efeitos colaterais, o que não adianta muito”.

Como muitas vezes as pesso-

“Sabe-se hoje que muita gente pode estar em crise, eliminando o herpes, sem nenhum tipo de lesão. São os portadores assintomáticos. Nem ele sabe que tem herpes, nem quem está com ele. Essa situação é bastante comum, embora ainda não existam dados. Acreditamos que essa seja a maior forma de contaminação atualmente, pois a pessoa não sabe que tem, mas está eliminando continuamente partículas do vírus”, esclareceu. Tem gente que só tem uma crise clínica na vida. Há também quem tenha a infecção, mas não a doença.

as usam os antivirais de forma inadequada, a resistência do vírus a esse tipo de medicamento está aumentando. O médico também alerta para o engano em relação ao tratamento tópico – cremes e pomadas. “Não funcionam, pois existe uma camada da pele que dificulta a penetração do medicamento, de modo que ele não consegue atingir o local do vírus. Portanto, o que recomendamos é o tratamento via oral e uso de uma pomada com antibiótico para evitar infecção por bactéria, já que se trata de uma área aberta da pele”.

A única indicação para o tratamento tópico do herpes é para evitar que o vírus que está concentrado em determinado ponto migre para regiões vizinhas, mas a ação efetiva dessa forma é extremamente questionável.

Complicações

Apesar de ser grande o número de pessoas que têm herpes e dos avanços no tratamento, é importante lembrar que não se trata de uma infecção tão simples e pode haver complicadores. Em pacientes imunocomprometidos - como pessoas HIV positivo, transplantadas, ou qualquer paciente que esteja passando por tratamento com drogas que levem à queda da imunidade – o efeito do herpes pode levar a maiores complicações do quadro. Para esses grupos, a infecção assume proporções maiores, como feridas grandes sem cicatrização, que podem simular até lesão tipo câncer.

O herpes genital tem uma relação direta com o contágio do HIV, uma vez que a ferida aberta simplifica o contato como uma porta de entrada facilitada. HIV e herpes têm uma relação simbiótica. Como o primeiro tem entre suas principais características provocar a queda da imunidade do indivíduo, proporciona maior incidência de surtos de herpes. O tratamento para esses pacientes precisa ser cautelosamente diferenciado.





TINTAGEL e a lenda do rei Arthur

Pequena vila da Inglaterra recebe turistas em busca das aventuras de contos que animam páginas de livros que atravessam gerações

Por Juliana Holanda, da Inglaterra



TODOS OS ANOS, O lendário rei Arthur leva milhares de turistas à pequena vila de Tintagel, na costa da Inglaterra. Lá estão as ruínas de um castelo medieval, que foi o local da concepção do rei, de acordo com uma obra escrita pelo historiador Geoffrey of Monmouth, no século XII.

Textos posteriores afirmam que ele nasceu no castelo e que o mago Merlim morou em uma caverna do local. A fama do rei Arthur manteve a lenda viva através dos tempos. Atualmente, Tintagel é um dos destinos mais procurados na Inglaterra. Situada há cerca de 420 quilômetros de Londres, a vila possui apenas 1.727 habitantes, de acordo com o último censo realizado em 2011.

Mesmo quem visita o lugar apenas em busca das lendas e

histórias se encanta com as belezas naturais da costa da Cornualha. As ruínas do castelo ficam em cima de um penhasco em frente ao oceano. Para chegar lá, é preciso coragem para enfrentar uma escalada em degraus de pedra que acompanham o contorno da montanha. O caminho é cercado de beleza. O que se vê ao redor são outras montanhas, penhascos e gaivotas sobrevoando o mar azul. Ao fim da escalada, uma porta de madeira antiga dá acesso às ruínas do castelo.

No topo da montanha, é possível caminhar entre as ruínas por vários metros e chegar bem perto dos penhascos. É preciso ter cuidado para evitar acidentes, pois não há proteção. Mesmo assim, os mais corajosos costumam ir até a beirada das encostas para tirar fotos e filmar.

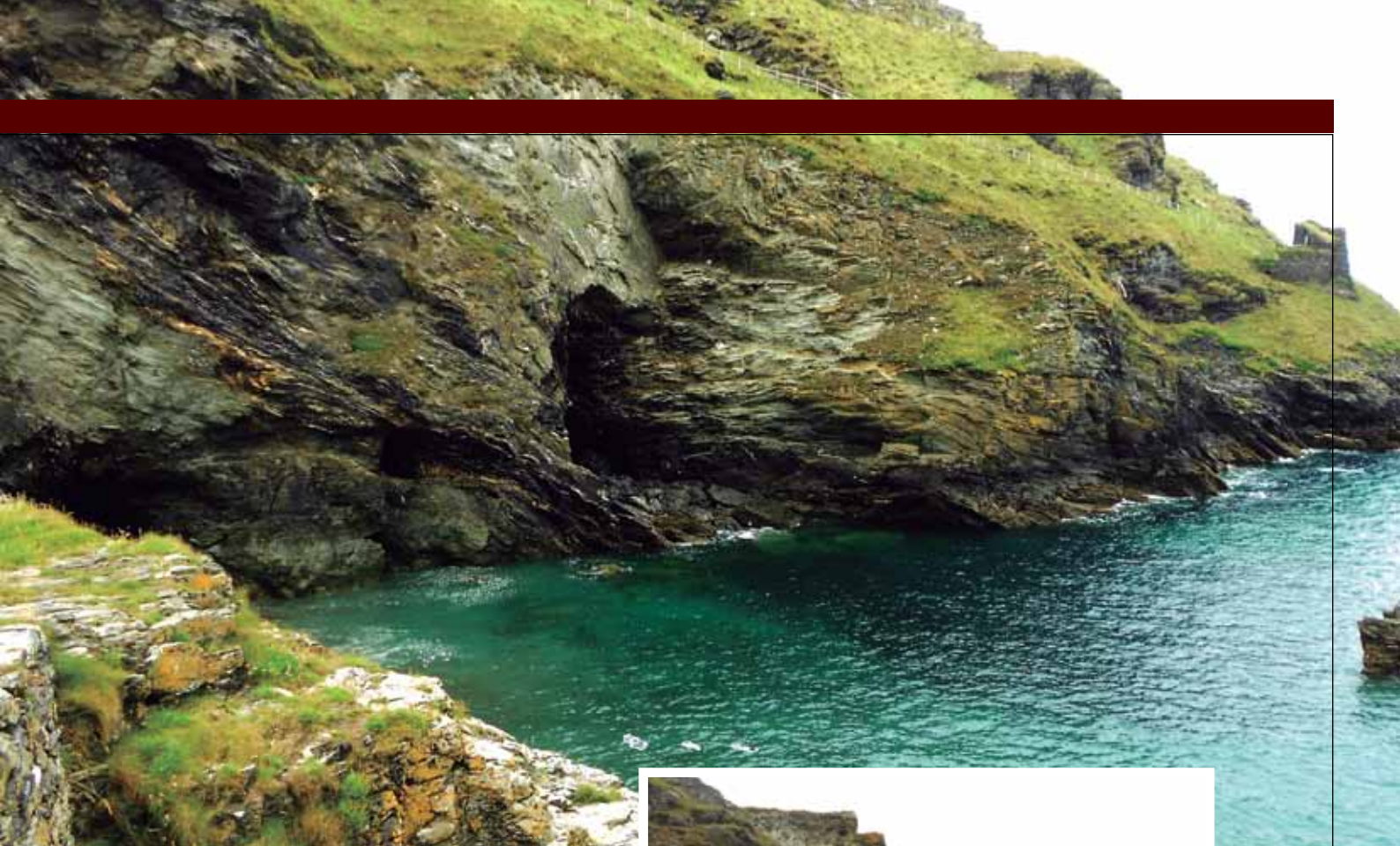




O lugar encanta até os que não são fãs das lendas. O cartógrafo queniano Ramathan Ali está fazendo doutorado em Londres e diz que costuma visitar Tintagel por causa da geografia do lugar. “A paisagem aqui é bela e única. Gosto de fazer caminhadas em contato com a natureza e venho aqui duas vezes por ano, aproveitando esse período que estou morando na Inglaterra”, conta.

A visão do alto é de tirar o fôlego (literalmente, após a subida). Em meio a lendas e histórias, o visitante tem a oportunidade de aproveitar um cenário digno de filmes e que já inspirou escritores famosos, como J. R.R. Tolkien, autor de O Senhor dos Anéis. Muitos turistas levam comida e aproveitam a paisagem





para fazer um piquenique e descansar um pouco antes de enfrentar a descida. Na volta, se a maré permitir, vale a pena esquecer o cansaço e descer até a praia para visitar a caverna do mago Merlim. Segundo as lendas, o profeta e conselheiro do rei Arthur morava na caverna, que fica abaixo do castelo, para ensinar e proteger o rei.

Uma dica para fazer o passeio é ir com tênis ou sapatos confortáveis e antiderrapantes para encarar o percurso. Levar água é essencial para se hidratar e o uso do protetor solar é altamente recomendado. Além disso, como as ruínas ficam a céu aberto, o ideal é fazer o passeio em um dia sem chuva e, de preferência, evitar o inverno pois os ventos são muito fortes e o frio extremo pode acabar atrapalhando a visita.





É preciso ainda ir com o bolso preparado. O castelo de Tintagel é protegido pela organização sem fins lucrativos English Heritage. Para preservar o lugar, cobra-se uma entrada que custa cerca de 40 reais (£7,20). O horário de visitação costuma ser entre 10h e 16h, mas o ideal é checar o site da organização, pois alguns dias o lugar é fechado.

O local conta ainda com um café, que permite aos turistas repor as energias, e uma loja de souvenirs bastante famosa principalmente entre as crianças por vender artefatos ligados ao rei Arthur, como espadas e escudos de plástico, roupas de cavaleiros medievais, brinquedos e livros infantis.






REI ARTHUR

O rei Arthur é um personagem que habita as lendas britânicas desde a Idade Média. Arthur é considerado um grande guerreiro e defensor da Grã-Bretanha. As aventuras do rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda foram relatadas por diversos escritores e ficaram conhecidas em todo o mundo. O mago Merlim, a espada Excalibur, o Santo Graal, a tábua redonda, o cavaleiro Lancelote e a rainha Guinevere são os principais protagonistas e elementos que habitam os contos sobre o rei. No entanto, a existên-

cia histórica do rei é contestada por pesquisadores. Nada que tire a magia e a beleza de quem tem o espírito aberto às viagens e descobertas.





À MODA DO MUNDO

Curitiba e toda a diversidade
da gastronomia internacional
em uma só cidade

Por Alice Lima, de Curitiba-PR



RECONHECIDA PELA QUALIDADE DE vida e espaços urbanos planejados, Curitiba, capital do Paraná, reúne diversas motivações gastronômicas que convidam a uma visita. O tempo mais frio estimula a procura por opções que investem em espaços aconchegantes e delícias tão diversificadas quanto a população que compõe o lugar. O tempero curitibano tem um toque de cada canto do mundo e vai além dos seus pratos mais famosos, como o barreado e a carne de onça.

Como é a casa de populações do mundo inteiro que escolheram a cidade para imigrar, em Curitiba se come autênticos pratos árabes, alemães, ucranianos, poloneses, japoneses, italianos e tantos outros descobertos a cada nova rua visitada. A maior dificuldade de montar um roteiro sobre a gastronomia da cidade é selecionar as opções, entre inúmeras possibilidades. A ideia é sugerir apenas aquelas que foram experimentadas e aprovadas.



**But first,
coffee!**

O tradicional cafezinho é uma das mais apreciadas bebidas em Curitiba. Prova disso é a quantidade de cafés convidativos que se encontra em cada canto da cidade. Dos locais mais sofisticados, mesmo para um café, às casas mais artesanais, porém não menos charmosas, há muitas opções de sabores e estilos de ambientes. Alguns locais são uma mix de docerias e cafés, que também não podem deixar de ser citados.

Bella Banoffi é um exemplo dessa mistura certa. Com um visual contemporâneo e artesanal, o colorido é a porta de entrada e o prato principal, de sabor sem igual, é a torta banoffi, doce típico da ci-



Bella Banoffi tem o nome do doce mais disputado do lugar que é colorido do piso ao teto

dade, que acompanhada de um expresso (ou espresso, à italiana) simples, vai fazer você querer pedir a próxima fatia e voltar quantas vezes estiver na cidade. Entre os muitos artesanatos que caem do teto e estampam as paredes, os quadros

expõem dezenas de prêmios que o local conquistou. A cereja do bolo é o atendimento dos garçons sorridentes e gentis. Se for num domingo à tarde, paciência, pois provavelmente vai precisar esperar para ter acesso a uma mesa.



Local amplo, o Lucca vive a cultura do café. Tem a loja de acessórios, grãos expostos e a máquina para moer na hora, além dos doces para acompanhar



O Lucca Cafés Especiais fica perto das salas de cinema mais “cult” e é ideal para aguardar o horário do filme na companhia de um livro e uma xícara de café. Tem tudo que um apaixonado por café quer: muitas opções de grãos selecionados, marcas e até acessórios como cafeteiras e canecas que estão à venda ao fundo do local. O ambiente amplo remete à tradição cafeeira. São 18 tipos de cafés especiais torrados arte-

sanalmente e 35 opções de drinks. O espresso é servido com 10 gramas de pó e 30 ml de água, segundo rigorosas tradições italianas, além dos cafés premiados que são servidos filtrados. O cardápio inclui ainda cappuccino, o caffè mocha (expresso, chocolate quente e leite vaporizado), macchiato (com expresso e espuma de leite) e outros. Os macarrons preparados no local são a pedida para acompanhar.



Mais que um café, Rause é uma experiência pela sua estrutura inovadora

Com uma proposta mais fora do que se vê por aí, o Rause Café + Vinho é aquele lugar que você chega e se sente em casa. Um pequeno espaço foi feito para a interação. O cardápio está todo exposto na parede de lousa, as mesas e poltronas espalhas de maneira disforme, o que permite um ar descontraído e contemporâneo. Rause significa generosos em norueguês, o que diz muito do lugar, do atendimento à água para beber, que não é cobrada. Os drinks de café são divinos e surpreendentes.

A sensação de ter entrado em uma casa de boneca é o que se sente ao chegar à Fada Formiga. Do simples pão de ló aos bolos mais elaborados, tudo cheio de cores e riqueza de detalhes. A diversidade dos doces é a estrela principal, mas o cappuccino é também uma delícia. Além de muffins, bolos, bolachas, pão de mel e cupcakes, o cardápio oferece chás originalmente criados para a FF. Para acompanhar o café ou o chá, é preciso citar as delicadas madeleines, nas opções de chocolate ou jasmin. A torta de chocolate com pecan também é uma ótima pedida, assim como a torta de caramelo com morangos.

Com tanta influência estrangeira, explicar algo que só pertença a Curitiba é a tarefa cumprida pelo Expresso Curitiba – Hostel Coffe Bar. Do cardápio às paredes, as influências e peculiaridades da capital paranaense são expostas, suas expressões e personagens conhecidos, como o poeta Paulo Leminski. Também tem variadas opções de café e salgados artesanais para acompanhar. Basta olhar um pouco para o jogo americano para aprender dezenas de palavras curitibanas.



Fada Formiga lembra uma casa de bonecas



Expresso Curitiba é o lugar ideal para quem quer conhecer curiosidades e expressões da capital do PR

Diversidade — a gente vê por aqui —

Curitiba recebeu muitos povos de outras nacionalidades, o que se reflete em diferentes aspectos culturais e arquitetônicos da cidade. Com a gastronomia, essa diversidade é uma dádiva. Quem gosta de se aventurar em novos sabores, seja bem-vindo – e em vários idiomas!

Sírios e libaneses que passaram a viver na capital paranaense mantiveram suas tradições culinárias, que passaram a ser diretamente incorporadas à cidade. São tantas boas opções para saborear pratos de origem árabe que o mais difícil é escolher apenas alguns para citar. Lugar de um prato só e aspecto simples, sem decorações temáticas, o Missal Shawarma, que tem o nome do prato servido, conseguiu dar um toque mais abraçador à carne que vem dentro do pão folha, o que resulta em um shawarma irresistível.

O Armazém Califórnia fica um pouco escondido para turistas que não conhecem a cidade, mas vale a pena encontrar o lugar e ser atendido, à moda antiga, por Maged Khalil El Omairi e Khalil El Omairi, pai e filho, que se dividem entre o balcão e a cozinha. Além de servirem os pratos do dia, é também empório de produtos árabes. Como prato principal, o destaque é o arroz marroquino cozido com curry, açafrão, frango e



Irresistível shawarma do Missal passou por transformações e mistura culturas árabe e brasileira



Pratos do Downtown são ricos em temperos variados

castanhas. Também com um nome estrangeiro que em nada lembra a tradição árabe, o Downtown levanta elogios pelo sabor e tempero diferenciados. Os donos são uma família de refugiados sírios recém-chegada ao Brasil que mal fala português, mas encanta pela simpatia e esforço. Ainda em fase inicial, estão reformulando o restaurante, que vai mudar

de nome e endereço. Eles montaram combos de acordo com a preferência dos clientes. As pastas típicas, como a baba ghanoush (berinjela com tahini) e homs (grão de bico) são os sucessos da casa, além dos kibes, fattoush (salada de legumes com pão árabe torrado) e os maravilhosos charutos de repolho ou de couve na manteiga e ervas.

Já o Le Liban traz uma proposta mais refinada na ambientação. Os quadros expõem a cultura árabe, assim como a música ambiente, azulejos e fotos que compõem o local. A dica é experimentar o Arak, bebida alcóolica típica que lembra um pouco a cachaça, mas tem sabor mais mentolado. Para petiscar, o kafta no espeto, que combina temperos de maneira perfeita, é uma ótima opção do lugar, assim como os doces baklavas. O tradicional Baba Salim é um charmoso restaurante bem no

centro de Curitiba, que tem apresentações de dança do ventre nas noites de terça e sexta. Entre as sugestões do cardápio, destaque para a esfiha aberta e a porção de faláfel acompanhada de molho tarator. Eles também fazem a pizza libanesa, que está entre os pratos mais pedidos da casa.

A colonização europeia tem marcas por todos os lugares. Uma das paradas obrigatórias para turistas é o Bar do Alemão, que fica no Largo da Ordem, Centro Histórico. O bar faz sucesso principalmente

quando há jogo da Alemanha na Copa do Mundo e emissoras de TV o procuram para transmitir links de lá. Os garçons e garçonetes estão sempre vestidos com trajes típicos alemães, os móveis e estrutura dão o ar da cultura germânica, assim como as cores da bandeira espalhadas pelos ares, literalmente. Os pedidos obrigatórios são o bratwurst e o marreco recheado. Para beber, o imperdível Submarino, uma grande caneca de chopp que vem com uma miniatura no fundo do copo que o cliente ganha de brinde.



Baba Salim é um espaço aconchegante, que tem entre as melhores opções esfihas e pizzas libanesas



Le Liban traz um ar mais sofisticado. Doces baklavas e bebida típicos são pontos fortes



Dentro do Clube da Sociedade Ucraniana, O BarBaran tem pratos e decorações típicas da Ucrânia. Entre os sabores ucranianos que podem ser experimentados por lá, está o pastel Varenek, que é cozido e recheado com batata e repolho ou batata com requeijão. Quem quiser algo mais brasileiro, uma das melhores opções é a chapa de alcatra fatiada e pães torrados. O local é famoso pelo happy hour, cerveja gelada e preços atrativos, mas não tem dos atendimentos mais cordiais. Muito pelo contrário.

Tendência dos últimos anos, as hamburguerias também fazem muito sucesso em Curitiba. Karina, Brooklyn, O Barba, Mustang, New York Café e Estofaria são alguns dos lugares visitados que servem hambúrgueres deliciosos. No entanto,

Hambúrguer do Madero com pão crocante de fabricação própria



o destaque do segmento tem que ser o autêntico curitibano Madero Steak House com o seu Cheeseburger Madero e o pão crocante de fabricação própria acompanhado de batatas rústicas. A melhor parte é que sempre há uma unidade por perto, pois a marca tem se espalhado rapidamente, inclusive para outros estados.

Entre os mais sofisticados, principalmente no bairro Batel, há diversas opções de restaurantes. O Pata Negra é especializado em culinária espanhola e, como não poderia deixar de ser, as pellas são o destaque da casa. A culinária brasileira tem espaço no tradicional Armazém Santo Antônio, que serve pratos nacionais de maneira sofisticada. O ambiente, rústico e elegante, é também uma das atrações. Um lugar que se pode comer da carne de sol ao barreado com sofisticação.



Risoto de Camarão do Armazém Santo Antônio



Prato típico do Bar do Alemão



Moda é contexto

Por Vânia Marinho

ENQUANTO O CARNAVAL PEDE passagem, vamos aproveitar para saber um pouco sobre o que aconteceu nos últimos 100 anos de moda.

A história da indumentária perpassa o tempo, com influência desde a época do império, até caminhar pelas vanguardas, sempre dialogando com as artes plásticas, o cinema, a arquitetura e a arte popular.

Na atualidade, fica bem evidente a influência do movimento de rua, presente nos traços dos estilistas nacionais e internacionais.

A velocidade do mundo virtual torna-se aliada na história atual da moda. A difusão do que se cria possibilita uma ampliação nos horizontes dos que ainda estão aprendendo e até no público consumidor.

Diante desses pontos, fica claro que o futuro da moda será costurado pelo novo comportamento das ruas, da economia, do planeta.

Recortes

Por Vânia Marinho
jornalista



A MODA NA TELA

A figurinista Sandy Powell, do filme *Carol*, concorrente ao Oscar, deu show de estilo no figurino. Afirmado que Cate Blanchet valoriza bem as roupas, a profissional mergulhou no final dos anos 40 e 50, emergindo com roupas belas e sofisticadas.



RAINBOW BANGS

Se você adora inovar na hora de escolher o seu próximo hairstyle, fique atenta a uma tendência que vem chamando atenção por aí. São as Rainbow Bangs, franjas coloridas, com uma ou mais cores que se destacam do restante do cabelo. O estilo precisa de uma atenção especial, já que na maioria dos casos é necessário descolorir os fios para conseguir o efeito contrastante com o resto das madeixas. Mas basta um pouco de dedicação para ter resultados incríveis!

QUERIDINHO

Das tirinhas de jornal para os cinemas do mundo inteiro, o Snoopy e toda turma do *Charlie Brown* já conquistaram várias gerações e, ao que tudo indica, esta legião de fãs não vai parar de crescer. As lojas Riachuelo lançaram uma coleção de camisas tão fofa quanto o personagem.



JOIAS

O ateliê Valéria Françolin está liquidando algumas peças. Vale dar uma chegada por lá.

TENTAÇÃO

A temporada de liquidação continua. Hora de garimpar e ficar atento para não comprar por impulso. A Le Lis Blanc anunciou peças em baixa. A Richards tem as tentadoras peças em puro linho. A Farm apresentou precinhos atrativos. A Hope entra na onda e exibe peças confortáveis e com preços bons.



ALTA-COSTURA

Pra coleção de alta-costura de primavera-verão 2016 da Chanel, Karl Lagerfeld montou um casarão cheio de verde, no maior estilo zen e com um viés mais ecológico. Nos looks, você encontra papel reciclado, madeira e lã orgânica.





Wellington Fernandes
Arquiteto
Email: wfarquitetura@yahoo.com.br



Trabalho com *estilo*

Bem projetadas, salas comerciais são transformadas em ambientes com conforto, praticidade e criatividade



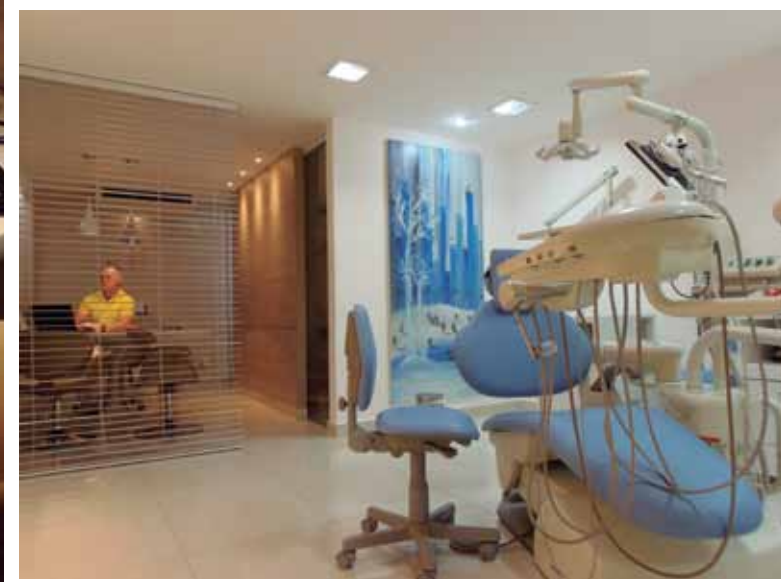
A DEMANDA DA SOCIEDADE toma novos rumos quando nos referimos à moradia, local de trabalho, conforto e praticidade ao longo dos anos. Não é de hoje que começaram a surgir edifícios que concentram vários tipos de serviços em um só local. Há exemplos que já levam décadas relacionados a construções com essas características. Elas surgiam, acredito, por questões como melhor aproveitamento de espaços, empresários com visão de futuro e ideias encorajadas ao novo.

Atualmente, esses edifícios estão surgindo em grande escala devido à necessidade fundamental de segurança. Com o crescimento das cidades e o volume de carros circulando, a população é obrigada a procurar novas formas de conduzir o seu dia a dia e reduzir os tempos de deslocamento. Dessa forma,

clínicas, escritórios e diversas empresas estão migrando dos locais isolados, como casas e escritórios de rua, para edifícios que oferecem o que pensamos ser a melhor solução para o momento.

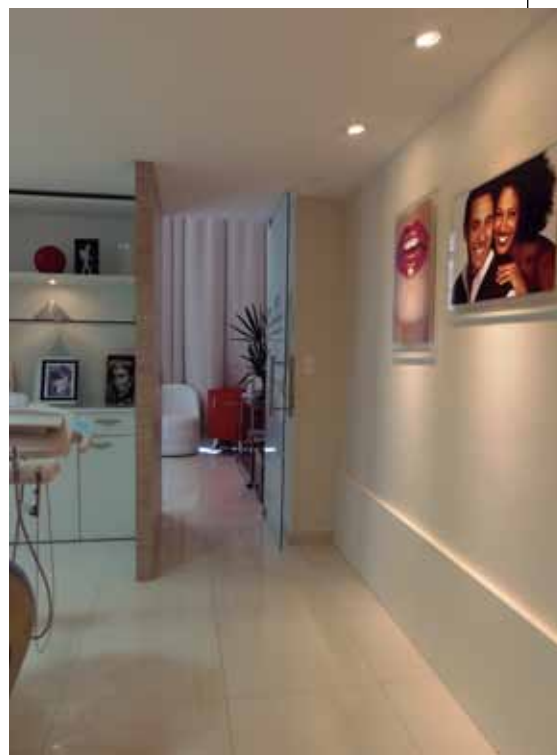
Assim como os apartamentos, as salas comerciais tiveram seus espaços reduzidos. Dentro desse contexto, os profissionais da área de arquitetura desenvolvem trabalhos atendendo à demanda dos menores espaços, sem que se abra mão da praticidade e conforto.

Destacamos dois exemplos que seguem a tendência, projetados por mim. O primeiro é o consultório odontológico de Eider Lima, localizado no Espaço América, no bairro de Petrópolis, em Natal. O segundo exemplo é a clínica da médica ginecologista Valdelucia de Pontes, que recentemente se instalou no Tirol Way.



Ambientes projetados pelo escritório de Wellington Fernandes

Consultório odontológico do Dr. Eider Lima



Duas possibilidades que se encaixam nas condições citadas. As salas geralmente são espaços únicos, nos quais o profissional, com elementos de divisórias e muita criatividade, procura deixar o local amplo, confortável e funcional. Os materiais usados também têm que acompanhar essa necessidade, como cores suaves e recursos que promovem o efeito de ampliar, além de móveis que sejam funcionais, mas que ocupem apenas o necessário.

A mesa que projetei para os dois espaços, de formato oval, facilita a circulação. Elementos vazados são uma boa opção, pois permitem maior ventilação e, ao mesmo tempo, dão privacidade aos ambientes. Estudar bem a iluminação é importante para promover a sensação de maior amplitude. Por fim, usar elementos que tenham a personalidade do cliente, como objetos de decoração com um toque de cor e vida.



Consultório ginecológico da Dra. Valdelucia de Pontes



Valorizando AS CORES DO nordeste.



EM **OLINDA** e **Salvador**
A FESTA É DE **ENCANTAR**
O **Carnaval** É CHEIO DE **CORES**
PRÉ VOCE. **SE APAIXONAR**



UNIGRÁFICA

A GRÁFICA DA GENTE

84 3272.2751

[WWW.UNIGRAFICA.COM.BR](http://www.unigrafica.com.br)

COMEMORAR

Fotos: Dinah Feitosa

O fotógrafo da corte de Brasília Paulo Lima comemorou mais um ano de vida no dia 15 de janeiro, com direito a almoço animado cercado por suas amigas no restaurante Coco Bambu. Além de degustarem deliciosos pratos com frutos do mar, a tarde também foi de muita descontração. Carmen Minuzzi, Carmen Bocorny, Maria Olímpia Gardino e Rita Márcia Machado foram as organizadoras do evento.



Marisa Junqueira com o aniversariante Paulo Lima



Eterna Araújo, Amador Outorelo e Lourdinha Fernandes



Lenir Fonseca, Carminha e Daniella Antony



Gleyds de Oliveira, Ju Sulz e Heloisa Queiroz



Guida Carvalho, Nazaré Thunholi



Mônica Cuz



Eliana de Campos, Marli Vianna e Neusa Soares



Camila Pimentel, Paulo Lima



Irene Maia, Divanda Pereira



Rita Márcia Machado,
Carmen Bocorny,
Paulo Lima, Carmen Minuzzi
e Maria Olimpia Gardino

OCTÁVIO SANTIAGO

octaviosantiagoneto@hotmail.com



PRECIOSIDADE CEARENSE

Nem só de praias vive o vizinho Ceará. As serras cearenses também são dignas de uma visita. Guaramiranga, pertinho de Fortaleza, é a mais famosa entre os natalenses, graças, em parte, ao seu festival de jazz. Porém, é na Ibiapaba, quase fronteira com o Piauí, que estão os recantos que merecem (e muito!) ser considerados na hora de planejar a próxima road trip. Com temperaturas amenas e paisagens extasiantes, o lugar remete o turista ao sul do Brasil, mas com o chamego tipicamente nordestino como diferencial.



Viçosa do Ceará

“A Princesinha da Ibiapaba” pode ser avistada por completa da Igreja do Céu. Na paisagem, a soma de casarios coloridos do século XIX cobertos por uma densa neblina. Na Casa dos Licores, há mais de 80 sabores da bebida.



Ubajara

No Parque Nacional que leva o nome da pequena cidade serrana, os bondinhos amarelos levam o visitante do alto para a entrada de uma gruta, com impressionantes formações rochosas. Banhos nas cachoeiras coroam o passeio.



Tianguá

A maior cidade da serra é também ponto de partida para outros destinos da Ibiapaba. Do Sítio do Bosco, tem-se vista privilegiada do sertão e ainda passeios de voo livre. Produtos em couro e de ferro são souvenirs presentes em todos os lados.



São Benedito

O Ceará figura no topo quando o assunto é exportação de flores em razão desse lugar. De fazendas que cercam a cidade, rosas, crisântemos, gérberas e até lírios formam fotogênicos tapetes antes de ganharem o mundo.



Italianíssimo

O lugar é aconchegante, o serviço atencioso e a comida deliciosa. Assim é o Pan'e Vino, localizado na Praia da Pipa. Pelas mãos do chef Michele Vassalo, são preparadas iguarias italianas como o nhoque, o tiramisù e o limoncello caseiros. Vale a pena.



Decolou...

Os hermanos argentinos são os que mais gastam no Rio Grande do Norte (R\$ 382 por dia) e os que mais o recomendam como destino (99%). Os dados são da Fecomércio.



Aterrisou...

O número de passageiros no voo semanal da TACV que sai de Natal com destino à Cabo Verde tem desapontado a companhia africana. Bem abaixo do esperado.

ANIVERSÁRIO

Fotos: Paulo Lima

A advogada Helga Jucá, irmã do senador Romero Jucá, reuniu um seleto grupo de amigos e familiares para a comemoração do seu aniversário, com um jantar no Restaurante Trattoria da Rosario, localizado no Lago Sul, em Brasília.



Sérgio Schenkel, Marina Jucá Marques, Helga Jucá, Germana Menezes e Ricardo Pimentel Jucá



Magaly, Jorge Pedro e a filha Vasconcelos



Eliane e Maurílio Avelar



Laércio Souza e Izabel Santos



Rosario e a aniversariante Helga Jucá



Maria Antônia Pimentel e Márcio Maia



Ana Váz e Lúcia Mello

TÚNEL DO TEMPO

Por Thiago Cavalcanti

Fotos: Giovanna Hackradt e João Neto

ALALAÔ

Para comemorar o mês do carnaval, a RevistaBzzz traz foliões animados do jet set potiguar. Ao longo dos anos, são fantasias de vários estilos, muita animação nos salões da cidade regados a confete, serpentina e marchinhas de outrora.



Larissa Borges



Juja, Laercio, Gustavo, Aécio, Sidney, Ezequiel, Ronald, Alvaro Alberto



Haroldo Bezerra, Aécio Emerenciano e Franca Giordanetti



Marisa e Alvaro Motta



Da Graça e Augusto Carlos Viveiros



Edna Galvão, Iraneide Flor,
Arturo Arruda e Larissa



Lourdes e Diogenes Alvares



Lalinha Barros e Selma
Bezerra



Thaysa Flor,
Waldemi Marinho



Karla Motta e Miguel
Josino



Adriana Bezerra, Thiago Cavlacanti, Anieda Calafange, Adriana
Dias e Carla Bezerra



Eliana Lima, Elzinha
Dutra e Hilneih Correia



Regina, Nilma, Nilze, Rosa, Virgínia, Karenina, Marta, Miriam,
Sanzia

ANDRÉA LUIZA

andrea-luisa@hotmail.com



O MUNDO DE TIM BURTON

O público brasileiro poderá finalmente mergulhar de cabeça no universo psicodélico e, como o nome diz, estranho, do icônico cineasta Tim Burton. Desde o início do ano, mais de 300 pessoas trabalham na montagem da mostra no Museu da Imagem e Som, em São Paulo. Cerca de 500 itens estão expostos, que incluem esboços nunca vistos antes, entre pinturas, bonecos e filmes. São trabalhos criados durante a infância e outros itens feitos após a consagração de sua carreira. A exposição fica em cartaz até o dia 15 de maio no MIS, São Paulo. Os ingressos custam até R\$ 40.

Manifesto teatral

O Teatro Municipal Sandoval Wanderley clama por seus gloriosos dias de volta. A Rede Potiguar de Teatro divulgou uma carta sobre a situação do equipamento. "Solicitamos que a Prefeitura de Natal apresente à sociedade civil um plano de ações a ser executado ainda neste ano, com vistas a resoluções dos problemas de que tratam esta carta" afirma. O Sandoval Wanderley foi o segundo a ser construído em Natal. Ficou abandonado durante muitos anos até ser interdito por tempo indeterminado pelo Corpo de Bombeiros e Ministério Público em 2009. Um projeto de reforma existe, mas nunca foi executado. A cultura no RN pode comemorar uma pequena vitória em meio a tantas batalhas: Merda! O Teatro de Cultura Popular Chico Daniel (TCP), que estava sob interdição desde 22 de agosto de 2015, será reaberto à classe artística e ao público potiguar no próximo dia 18 de fevereiro. Um espetáculo especial dirigido pelo teatrólogo João Marcelino inaugura a reabertura da casa, que passou por adequações para ganhar a liberação. Inaugurado em agosto de 2005, o TCP está localizado em prédio anexo à Fundação José Augusto, situada na Rua Jundiá, 641, Tirol.

Encanto à vista

Radicado em Natal, o fotógrafo equatoriano Fernando Chiriboga, lança seu 13º livro-álbum intitulado "Terra à Vista – Litoral do Nordeste do Brasil". A obra tem 272 páginas e quase 350 fotografias que mostram trechos pouco explorados, como arquipélagos, arrecifes, ilhas e vilarejos. Algumas cidades também estão na coleção, entre elas a capital potiguar. Chiriboga também apresenta uma exposição de quadros com fotografias que estão no livro-álbum. A exposição, que também acontece no Midway Mall, vai até o final de fevereiro.



Boi neon


O longa-metragem pernambucano Boi Neon, de Gabriel Mascaro, já passou pelo primeiro desafio em Natal: fazer parte da programação dos cinemas da capital. Depois de uma campanha online conseguir trazer o longa até as telonas de Natal. O segundo desafio é fácil: atrair o público. O filme de Gabriel Mascaro já foi premiado nos festivais de Veneza, Toronto e recebeu o título de 'Melhor Filme' no Festival do Rio. O filma conta a história de Iremar (Juliano Cazarré), que interpreta um vaqueiro com a incomum pretensão de trabalhar com moda. Entre bovinos e tecidos, a história se desenrola com uma pulsação vibrante, que remexe com os desejos e valores dos espectadores.




PARABÉNS

Fotos: Sueli Nomizo e D'Luca


Em clima de veraneio, o médico dermatologista Arnóbio Pachêco reuniu amigos e familiares para comemorar o seu aniversário na praia de Pirangi, litoral Sul potiguar, em sua casa de praia. A festa foi animada pela banda Grafith e os teclados de Romário, com a participação de Roberto do Acordeon. O buffet ficou por conta do restaurante Tábua de Carne.




Arnóbio Pacheco e sua Maria Helena




Lilian Pacheco, Anilson Knight




Priscila Alves e Leonardo Pacheco



Ana Paula e Júlio Protásio




Tassio Penha, Leandro Pacheco e Ana Paula




Paulo Macedo, Arnóbio,
Paulo Macedo Filho



Juiz Anselmo Cortez e Ana Emília



Renomado médico cardiologista Sérgio Pacheco,
Dr. Arnóbio e o empresário Roberto Bagadão



Joãozinho Grafith, Romário



CONSTITUCIONALIDADE NA ADOÇÃO DE COTAS

CORREÇÃO DE DISTORÇÕES HISTÓRICAS é uma tema polêmico e, no que diz respeito ao sistema de cotas, tem gerado certa insegurança jurídica já que se tem o registro de decisões judiciais que entenderam inconstitucional a Lei de Cotas. O Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil ajuizou Ação Declaratória de Constitucionalidade (ADC 41) em defesa da Lei n. 12.990/2014, que reserva aos negros 20% das vagas oferecidas nos concursos públicos e vale para cargos efetivos e empregos públicos no âmbito da administração pública federal, das autarquias, das fundações públicas, das empresas públicas e das sociedades de economia mista controladas pela União.

A OAB pede a suspensão das decisões judiciais que entenderam inconstitucional a Lei de Cotas até o julgamento definitivo da ADC 41 pelo STF por se tratar da garantia da isonomia no acesso ao serviço público. Os frequentes questionamentos judiciais exigem da Suprema Corte a declaração de constitucionalidade em sua totalidade a fim de reprimir postura divergente, tanto em relação à reserva de vagas nos concursos para cargos efetivos e empregos públicos, quanto em relação ao respeito do procedimento da autodeclaração. A dificuldade, na verdade, é fixar um mecanismo de controle de identificação racial, pois além da autodeclaração, qual seria outra prova de sua raça? No julgamento da ADC 41, o Supremo deve abordar quais serão os mecanismos que deverão responder a questão ora apresentada.

Acontece que com decisões declarando a inconstitu-

cionalidade da norma e também pedidos para suspensão de certames em decorrência da aplicação da lei, há o receio de que ocorram situações de insegurança jurídica em concursos públicos federais. Porém, o precedente que indica a constitucionalidade da referida lei é o julgado pelo Plenário do STF na Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 186, que considerou constitucional a política de cotas étnico-raciais para seleção de estudantes da Universidade de Brasília, quando foi firmada a constitucionalidade de políticas públicas afirmativas na adoção de cotas para negros, no processo de seleção para ingresso em instituição pública de ensino superior para correção de distorções históricas.

É importante acrescentar que o sistema de cotas está diretamente ligado ao conceito de igualdade, bem como que no tratamento desigual é necessário igualar as oportunidades já que a discriminação racial não ocorre apenas no campo da educação, mas também do trabalho.

Ademais, o processo de inclusão passa pela ampliação de oportunidades oferecidas na escola, estado e mercado de trabalho.

As cotas no serviço público representam sim uma extensão das cotas universitárias e configuram uma evolução das ações afirmativas no combate ao racismo e à desigualdade racial no país. Enfim, não sendo a Lei de Cotas, as correções das distorções históricas ficariam mais distantes da mudança que tanto esperamos e que se faz tão necessária no Estado Democrático de Direito.

“
O sistema de cotas está diretamente ligado ao conceito de igualdade, bem como que no tratamento desigual é necessário igualar as oportunidades já que a discriminação racial não ocorre apenas no campo da educação, mas também do trabalho.”

DENGUE, Chicungunya e a Zika.

A sua atitude é a
arma mais poderosa
nessa batalha.



Guarde garrafas sempre
de cabeça para baixo.



Mantenha bem tampados
tonéis e barris d'água.



Pneus em locais cobertos ou
com o serviço de limpeza.



Encha de areia os pratos
dos vasos de planta.

O mosquito da Dengue evoluiu e agora precisamos nos defender de doenças como a Chicungunya e a Zika. Por isso, redobre a atenção, elimine os focos do mosquito na sua casa e informe seus vizinhos permanentemente. Uma vida livre desses males só depende da gente. Faça a sua parte!



Câmara Municipal de Natal

A CASA DO POVO. A SUA CASA.

cmnat.rn.gov.br

Seja cidadão.

CHEGOU PARA NATAL. CHEGOU PARA VOCÊ.

O NOVO HOLIDAY INN NATAL TRAZ PARA VOCÊ
UM RESTAURANTE DE PADRÃO INTERNACIONAL
E UM CENTRO DE EVENTOS SEM IGUAL.



Apartamentos novos, completos e confortáveis • Suez - Restaurante de padrão internacional aberto ao público • Estacionamento Academia • Piscina • Brinquedoteca • Centro de Eventos moderno e flexível, com capacidade para até 2.400 pessoas.



Holiday Inn® Natal

Av. Sen. Salgado Filho, 1906, Lagoa Nova, Natal-RN, CEP 59075-000

T: (84) 3344 7333 | 0800 118 778

facebook.com/holidaynatal.lagoanova | twitter: @holidaynatal

www.holidaynatal.com.br/lagoa-nova | www.holidayinn.com/natalbrasil